

le

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Nº 14 | Dezembro 2000 | 1 Euro



Um Encontro Nacional

para reflectir colectivamente

14

Foto: adriano rangel / ISTO E

P9 Acção de Formação em Lamego • P10-11 Seminário do Observatório Europeu LEADER

P12-13 Mostra do Mundo Rural 2000 • P18-19 Serões na Aldeia

4.º Caderno Temático: As ADL como dinamizadoras e parceiras empresariais do DL

Em finais de 2000, estamos quase com dois anos de actividade da Célula de Animação Nacional da Rede LEADER II e ainda com um ano de actividade à nossa frente. É, portanto, uma boa altura para fazer conjuntamente com as ADL e os diversos parceiros envolvidos, um balanço do trabalho realizado, introduzindo eventuais correcções para o ano 2001, quer de conteúdo quer de ordem metodológica. Este

é o principal objectivo do Terceiro Encontro Nacional da Rede LEADER, que decorrerá em Santarém nos dias 14 e 15 de Dezembro. Organizado, como de costume, em parceria com a Direcção-Geral do Desenvolvimento Rural e a Comissão Nacional de Gestão do LEADER, este encontro será também a ocasião para o Ministério fazer um ponto da situação sobre o encerramento do LEADER II e apresentar e trocar impressões com as ADL sobre o Programa Nacional LEADER +.

A situação mudou, daí que tenhamos de repensar conjuntamente a nossa actuação.

Um Encontro Nacional para reflectir colectivamente sobre a melhor maneira de conduzir o trabalho da Célula durante o ano de 2001

O programa da Célula de Animação Nacional foi concebido em 1998, de forma a atingir determinados objectivos. Ao fim de dois anos, grande parte desses objectivos já foram atingidos, quer através das actividades da Célula, quer através de outras intervenções, sendo necessário repensar a metodologia inicialmente proposta e as formas de intervenção da equipa constituída. Esta é, neste momento, a nossa preocupação e também, pelas opiniões já manifestadas em várias ocasiões, a preocupação das ADL. Daí que seja altura de dedicar algum tempo a uma reflexão colectiva sobre a questão.

De facto, assistiu-se a uma grande evolução desde o início das actividades da Célula. Quando se começou o trabalho, existiam poucas formas de colaboração entre as ADL e muitas delas trabalhavam de maneira isolada, com pouco relacionamento com as ADL vizinhas. Hoje, a situação é completamente diferente: doze Grupos de Proximidade formaram-se em todo do país. A maioria deles, assim como outros grupos representativos de várias regiões, já se transformaram em grupos de trabalho, aprofundando um tema específico que é de interesse para todos, com o objectivo de acumular um certo saber fazer nesta matéria e de o pôr à disposição das restantes ADL a nível nacional, com algumas perspectivas de transferência a nível europeu.

Assim, temas tão importantes como a auto-avaliação, a engenharia financeira, a comunicação social e o desenvolvimento local, a criação de empresas e serviços locais pelas ADL, a elaboração de estratégias de desenvolvimento local, etc., estão a ser objecto de um trabalho aprofundado levando à elaboração, teste e afinação de métodos e instrumentos de trabalho, publicados em CD-Rom ou em cadernos temáticos, que abrem novas perspectivas de colaboração entre as ADL através da criação de referências e linguagens. Entretanto, outros temas estão a surgir nas diversas actividades em curso, levando a tocar progressivamente todos os temas-chave de um desenvolvimento rural sustentável, tais como escolas e desenvolvimento local, agricultura e desenvolvimento local, etc.

Isso leva a que apareçam cada vez mais sinergias entre os temas e grupos de trabalho criados. Tomamos como exemplo o caso da auto-sustentabilidade das ADL, tema que vai ser tratado no seminário da Meda nos dias 5, 6 e 7 de

Dezembro (ver página 7). Através deste tema, a questão da organização em rede das empresas criadas pelas ADL ao nível local vai ser focada em pleno, levando as diversas ADL do país que já estão nesta lógica a discutir formas de complementaridade a nível regional ou nacional.

Outro exemplo é o do Grupo de Proximidade constituído pelas ADL ADRAT, Beira Douro, Douro Histórico e Desteque, que pegou no método SAP elaborado com o Grupo de Proximidade da Beira Litoral para conceber connosco um novo método complementar para a montagem de uma estratégia/plano de desenvolvimento local. Este método, que está a ser elaborado e testado agora, será objecto de um seminário durante o mês de Janeiro (ver página 9). Isso vai fazer com que este grupo trabalhe, não só com o Grupo de Proximidade da Beira Litoral que está na origem do SAP, mas também com o Grupo de Proximidade do Entre-Douro e Minho que trabalha sobre os Programas Nacionais e Comunitários de Apoio ao Desenvolvimento Local.

Do despertar do interesse para o trabalho em rede ao profissionalismo em rede

Se há dois anos atrás o trabalho em rede poderia aparecer como uma ideia vaga e com um interesse pouco claro, hoje em dia, a maioria das ADL partilham esta prática e consideram-na como um elemento essencial para fundamentar o seu trabalho no terreno. Assim, descobre-se pouco a pouco que um trabalho colectivo sobre um tema abre perspectivas de acções e serviços comuns que são essenciais para consolidar os processos de desenvolvimento local. E aí, a mobilização

de um número cada vez maior de ADL dá força e profissionalismo a este processo.

Tomemos como exemplo o caso da engenharia financeira. Após um ano de trabalho com o grupo constituído sobre este tema, o envolvimento das ADL dos Açores e da Madeira nesta matéria permitiu dar um salto muito importante, analisando mais em profundidade os problemas encontrados e abrindo novas perspectivas. Assim, no seminário da Madeira identificaram-se três vias possíveis para a engenharia financeira, a nível local, regional ou nacional (ver página 4 e 5).

Todo isto nos leva a repensar a nossa metodologia e as nossas formas de intervenção: a uma intervenção focalizada sobre a animação directa, que se justificava plenamente num momento em que era preciso fazer surgir motivações e interesse para um trabalho em rede, tem que se enveredar hoje em dia por um actuação em parceria com as ADL plenamente mobilizadas, definindo com elas e para elas os tipos de apoio necessários para que este trabalho em rede se traduza em acções de interesse concreto para os territórios rurais.

O Encontro Nacional de Santarém será um momento propício para discutir estes assuntos. Procurar-se-á ir até ao fundo das questões, não nos limitando à análise das actividades em si, mas indo até à análise das metodologias e formas de intervenção, reflectindo em comum sobre a melhor maneira de aproveitar o ano 2001 de forma a que as actividades da Célula tragam o melhor dos benefícios possíveis para as ADL e para a consolidação da rede LEADER.

Samuel Thirion



foto: isto é

As Leis e o desenvolvimento local

Por paradoxal que pareça há pessoas, até com formação dita superior, que pretendem ser ao mesmo tempo "técnicos/agentes de desenvolvimento" e respeitadores/conseradores das leis.

Dirigentes e técnicos de Associações de Desenvolvimento Local (sobretudo dirigentes) para quem, em primeiro lugar vê-se o que a lei permite e só depois o que se pode fazer!

Mas são os mesmos que assumem a responsabilidade de conceber e gerir programas INOVADORES de desenvolvimento local, no âmbito do: experimental, piloto, demonstrativo, laboratorial e altamente inovador Programa LEADER.

Pessoas que se comprometem a contribuir para o desenvolvimento dos seus territórios através da introdução de novos métodos de mobilização social, da experimentação de novas soluções organizativas, pensando alguns poder fazê-lo obedecendo às leis, embora não as respeitando quando ultrapassadas pela própria realidade.

Como é óbvio, neste como em todos os âmbitos, obedecer não significa respeitar!

Claro que o mal, ou o bem, não está em simplesmente respeitar ou não respeitar as leis. O mal, o grande mal, está em refugiar-se nesse

conceito absolutista, genérico e quase sempre cómodo da evocação do «respeito pela lei», mesmo quando dela discordamos, e nada fazer para que as "leis" sejam respeitadas pela sua constante adaptação às necessidades de regulamentação das novas e diferentes relações que o desenvolvimento vai gerando.

O bem, o grande bem para a Sociedade, é partir do princípio que... desenvolver, é também dinamizar a evolução das leis, demonstrando sempre que necessário porque estão erradas e colocando no terreno os exemplos do facto da existência de uma nova realidade a exigir uma nova lei.

Se a lei só pode ser criada para regular o futuro utilizando os ensinamentos do passado e respondendo às condições concretas do presente, o futuro de uma lei só pode ter a duração da sua utilidade.

Portanto, respeitar as leis é desenvolver nas cabeças dos legisladores a sensibilidade para as novas realidades, é fazer chegar ao conhecimento de quem tem a responsabilidade de legislar, as necessidades emanantes do local, dos locais e das diferentes situações, em coerência com os próprios princípios do D.L.

Se quem trabalha em D.L. só respeitasse as leis pensadas e desejadas «de baixo para cima» que seria do nosso quadro legislativo?

Num seminário bem recente ouvi alguém do INOFOR evocar a fórmula – "é preciso ousar transgredir"-.

Quantos de nós ousamos de facto, dar-nos ao trabalho ousado de dizer - "não, não vou por aí"?

Quantos de nós, jovens e menos jovens, homens e mulheres, trabalhando em ou para o D.L., estaremos dispostos a correr os riscos de ousar transgredir, de despender energias nas "batalhas legais" para obter a legalização de uma nova situação durante um tempo que ultrapassa o tempo que nos atribuem?

Como podemos analisar os riscos? Quem está pronto a partilhar os riscos?

Frente a todos estes e outros condicionaismos é natural que o número dos que apesar de tudo ousam transgredir seja bem diminuto.

Contudo, estamos a falar de um tipo de transgressão muito especial, estamos a falar de "transgredir em benefício colectivo das pessoas mais desprotegidas". Não estamos a falar de transgredir em benefício próprio, atitude sempre egoísta e condenável.

É para a dinamização desta "transgressão colectiva" em benefício dos que já não acre-

ditam nem em si próprios, que nos devemos mobilizar.

Aqueles que já se deixaram tocar pelos valores da solidariedade e do reconhecimento de que toda a pessoa pode criar e inovar, têm a responsabilidade de "animar" os outros.

Todos os dias "vemos, ouvimos e lemos" que há muita gente capaz de transgredir em benefício próprio, mas também há, como sempre houve, quem esteja disposto a ser crucificado por ajudar quem precisa!

Enfim, sou de opinião que o que devemos respeitar são as instituições que produzem as leis, não as leis. Uma lei emanada duma instituição repressiva e não democrática não me merece respeito nenhum, talvez residam nestas diferenças de hipersensibilidade à Democracia e à LIBERDADE, algumas das salutares e úteis controvérsias que vou mantendo com aqueles que fazem favor de reagir às minhas reflexões por vezes assumidamente provocatórias e, assim o espero, por isso mesmo estimulantes.

Camilo Mortágua

Ribeira Grande, 21 de Novembro de 2000

O Seminário da Madeira abre novas perspectivas



foto: Luís Alvarez

O Seminário da Madeira foi um momento decisivo para aprofundar dois temas que constituem instrumentos essenciais para o Desenvolvimento Local em meio rural: a engenharia financeira e a formação. Nos dois casos foram analisadas as dificuldades encontradas para responder às necessidades específicas do mundo rural e as diversas soluções possíveis, envolvendo nesta reflexão algumas das autoridades competentes. No caso da engenharia financeira, isto levou a definir vários eixos de trabalho para os próximos tempos. Aqui segue um documento conclusivo apresentadas pelas ADL dos Açores e da Madeira organizadoras deste seminário. A Célula de Animação LEADER partilha totalmente as conclusões apresentadas aqui e criará, na medida das suas possibilidades, todas as condições para que se concretizem as opções e recomendações discutidas e decididas neste seminário, conjuntamente com o Grupo de Trabalho sobre os instrumentos financeiros.

Engenharia Financeira

O Seminário da Madeira constituiu mais um passo para a clarificação do potencial do instrumento da engenharia financeira para apoio ao desenvolvimento local.

O objectivo da estruturação do Seminário por parte das ADL organizadoras era dotarem todas as entidades participantes de informação que lhes permitisse, no período de tempo que resta para a preparação da sua estratégia de intervenção nos territórios, no âmbito do LEADER +, fazer opções de trabalho relativamente à utilização da Engenharia Financeira e da qualificação das pessoas nos respectivos Planos de Desenvolvimento Local.

O trabalho de preparação deste Seminário começou com o enquadramento legal comunitário e nacional da Engenharia Financeira, nas suas diferentes modalidades.

Nesse sentido, foi apresentado um estudo efectuado para a Região Autónoma dos Açores sobre a aplicabilidade nesta Região do sistema de concessão de garantias bancárias apoiadas nos fundos comunitários do Programa LEADER II. Da autoria do Professor Mário Fortuna, a apresentação em Plenário dos conceitos de Engenharia Financeira e a simulação de constituição de uma Sociedade de Garantia Mútua, foi um dos elementos de trabalho para os grupos que se formaram posteriormente.

Como matéria-prima para esse trabalho foram igualmente dados contributos sobre as Sociedades de Desenvolvimento Regional e o trabalho desenvolvido pelos elementos do Grupo de Engenharia Financeira, constituído após o Seminário de Castelo Branco, na linha do modelo italiano LEADERFIDI.

Os resultados de um dia de trabalho em três grupos de cerca de vinte elementos heterogéneos foram os seguintes:

Importância da engenharia financeira

A Engenharia Financeira é um importante instrumento de apoio ao desenvolvimento local porque:

- Alarga a diversificação de apoios comunitários para outros produtos, como sejam a concessão de garantias, a bonificação de juros, gestão de fundos de capital de risco. Permite escolher a melhor opção de apoio comunitário para os dife-

rentes tipos de projecto. De salientar que os produtos resultantes da Engenharia Financeira apenas permitem apoiar projectos economicamente viáveis.

- Tem um **efeito multiplicador** considerando que quer através da concessão de garantias bancárias, quer através da bonificação de juros de empréstimos, o efeito multiplicador das verbas comunitárias é visível, contrariamente ao sistema de concessão de subvenções a fundo perdido.
- **Alarga o público beneficiário do LEADER**, na medida em que permite que promotores investidores numa lógica LEADER possam constituir a comparticipação nacional através de empréstimo bancário em situações a que só o fundo de garantia pode responder (porque os promotores não têm património que lhes permita aceder ao crédito bancário).
- Algumas das modalidades de engenharia financeira podem ser **complementares à comparticipação LEADER +** no projecto.
- **A possibilidade de prosseguir o apoio ao desenvolvimento local após 2006**, na medida em que a lógica de rentabilidade da gestão inerente à engenharia financeira permite-lhe constituir um fundo, que alimentado pela comparticipação nacional, se pode prolongar por muitos anos.

Natureza jurídica da entidade gestora

O ponto seguinte de trabalho foi a análise da legislação europeia e nacional para se procurar o enquadramento legal das actividades da entidade gestora do projecto de engenharia financeira.

Considerando as exigências da legislação comunitária sobre a gestão em bases comerciais dos sistemas de Engenharia financeira e as limitações nacionais à prática de concessão de garantias bancárias por entidades financeiras, apresentaram-se três possibilidades para a natureza jurídica da entidade a gerir o projecto de engenharia financeira:

- Cooperativas de Crédito
- Sociedades de Desenvolvimento Regional
- Sociedades de Garantia Mútua

Sobre as Cooperativas de Crédito, as actuais limitações da sua regulamentação ao sector agrícola, limita o objecto de intervenção da entidade.

na engenharia financeira e na formação



foto: Luis Alvarez

As Sociedades de Desenvolvimento Regional, suscitaram numa primeira abordagem algumas dificuldades na sua constituição desde logo pelo capital social exigido (600.000 contos) e a intervenção decisiva do Ministério do Planeamento na sua constituição, através das Comissões de Coordenação Regional. Aproximam-se dos objectivos de referência das ADL na medida em que o seu objecto é a "promoção do investimento produtivo na área da respectiva região" e pela sua finalidade "apoio ao desenvolvimento económico e social" da zona de intervenção.

Relativamente às Sociedades de Garantia Mútua, a apresentação de uma simulação da constituição de uma sociedade financeira deste tipo permitiu desde já verificar a necessidade de mobilizar parceria para constituir um capital social de 750.000 contos para que seja viável economicamente, ainda assim considerando um período de 17 anos. Identificaram-se ainda a necessidade de haver um elevado número de accionista beneficiários (20) que necessariamente terão que deter 30% do capital social, a constituição de um Fundo de Contra-Garantia bancária junto da SPGM e a participação dos beneficiários no capital social no momento de utilizarem o Fundo de Garantia, numa taxa de 1% relativamente ao valor do seu benefício. A motivação das parcerias locais para a constituição desta Sociedade, que considerando os valores envolvidos, determina ter um âmbito territorial muito alargado, será difícil de conseguir.

A escolha do Modelo de Gestão

A escolha do Modelo de Gestão de fundos de garantia corresponderia aos objectivos das ADL ao apresentarem a sugestão da inclusão da Engenharia Financeira no Plano de Enquadramento Nacional do LEADER +?

Detectados alguns estrangulamentos à constituição de uma sociedade financeira como a

SDR ou a SGM, e à dificuldade de adaptar a sua lógica de intervenção à lógica da existência do Programa LEADER +, considerou-se que seria importante a apresentação às entidades com competência legislativa um modelo alternativo que assegure os seguintes aspectos:

→ A filosofia da existência de um Programa de Iniciativa Comunitária com regras de gestão e de aplicabilidade dos Fundos Estruturais diferente de todos os restantes co-financiamentos é a base de toda a gestão das verbas comunitárias.

→ O grande objectivo das intervenções subvencionadas pelo LEADER + é o combate à desertificação dos meios rurais, diversificando as actividades dos seus actores.

→ A lógica de gestão da Engenharia Financeira, contemplada no Plano Nacional de Enquadramento terá, necessariamente que ser a mesma da aplicabilidade das restantes verbas do LEADER +.

→ A tipologia legal das actuais entidades financeiras não se adequa, na sua lógica de constituição e na lógica de gestão aos princípios basilares do LEADER +.

→ A anterior premissa não significa que não haja uma gestão feita em bases comerciais dos fundos de Engenharia Financeira e que a mesma seja feita de uma forma profissional, conforme se refere na regulamentação das elegibilidades dos Fundos Estruturais.

→ A diferença reside na determinação dos beneficiários destes produtos, que deverá ser encontrada através dos objectivos de intervenção do Programa LEADER + nos territórios e que não é com toda a certeza a lógica das SGM.

Por outro lado a prossecução dos objectivos do LEADER + para além do presente Quadro Comunitário de Apoio será difícil de assegu-

rar após o fecho dos projectos de gestão dos fundos de engenharia financeira, se a mesma não for controlada por entidades que tenham como objecto social o desenvolvimento local.

Estando determinada a gestão local do Programa LEADER +, com base em parcerias alargadas do sector público e privado, pelo conhecimento que têm do território de intervenção, a gestão dos fundos de engenharia financeira deverá também ela resultar desta lógica.

Linhas de intervenção para o futuro

Os grupos de trabalho avançaram duas linhas de intervenção. Uma no sentido de procurar alargar o âmbito legislativo das cooperativas de crédito e outro na constituição de um Fundo de honra complementado com a bonificação de juros de empréstimos no sentido de todo o processo não implicar alterações legislativas, mas apenas negociação com a Direcção-Geral de Desenvolvimento Rural sobre as elegibilidades.

Em Plenário todas as conclusões foram apresentadas e analisadas tendo os participantes concluído que seria necessário constituir um grupo de trabalho nos seguintes termos:

· Partindo das bases do trabalho desenvolvido pelas ADL dos Açores.

· Com a maior brevidade possível, procurar a Contratação de técnicos especializados na área jurídico-financeira e de economistas.

· O trabalho destes técnicos seria a de elaboração de documentos identificativos de todas as vantagens e desvantagens da constituição de uma SGM e de uma SDR, bem como da apresentação de um modelo alternativo de gestão de fundos de engenharia financeira, que corresponda à filosofia do Programa LEADER + e interesse dos meios rurais.

· Todo o trabalho seria acompanhado pelo Grupo de Engenharia Financeira já existente no sentido de haver um enquadramento do trabalho na lógica da intervenção do LEADER +.

· O simulador informático da aplicabilidade da Engenharia Financeira num território, apresentado e experimentado durante o Seminário, seria complementado com o resultado do trabalho desenvolvido pelo grupo de técnicos contratados.

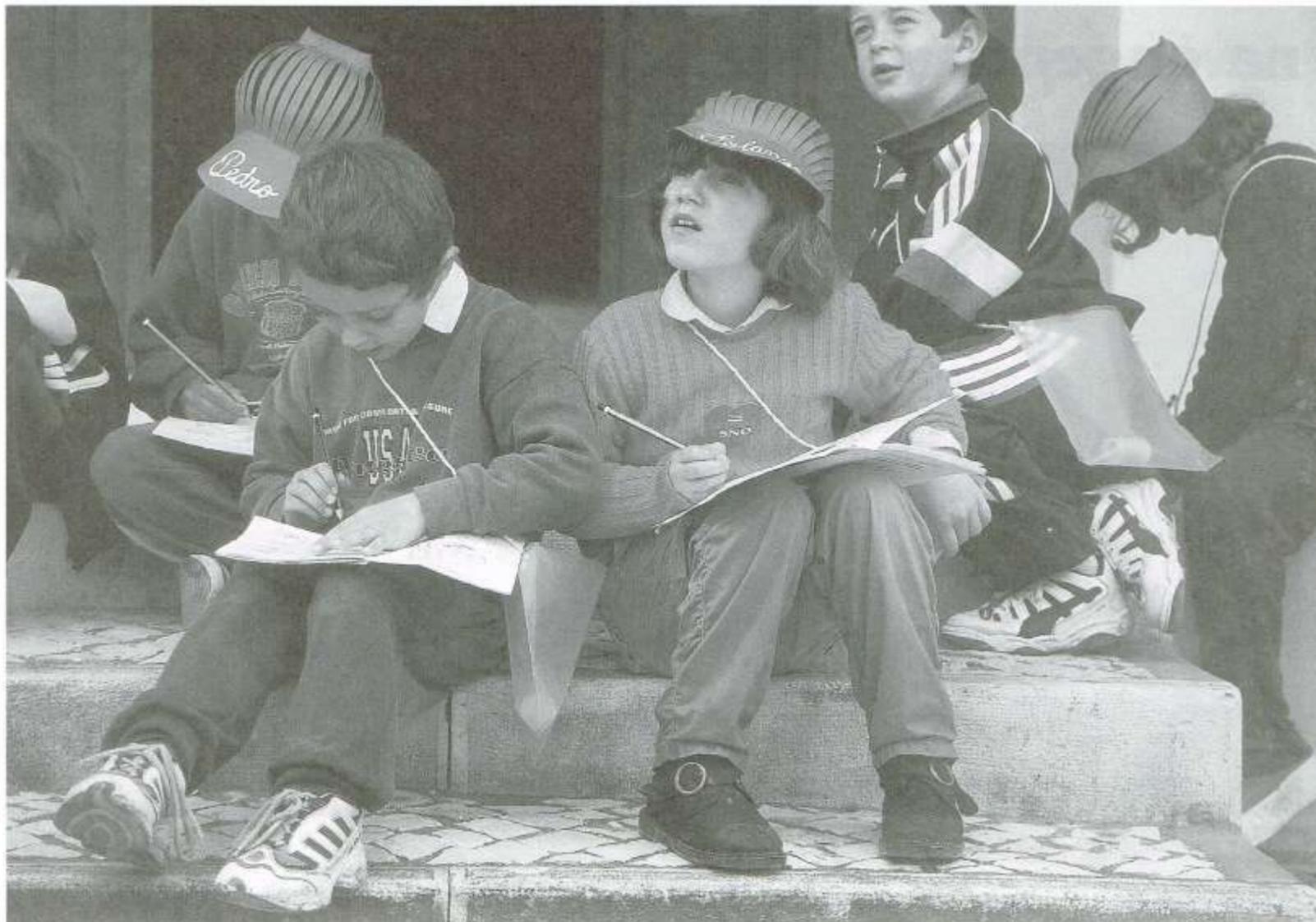
· A Célula de Animação do Programa LEADER comprometeu-se a verificar a elegibilidade desta equipa técnica no seu orçamento com a maior brevidade possível, para se procurarem rapidamente alternativas ao pagamento dos encargos deste trabalho, designadamente no seio da Federação Minha Terra.

A Formação

No que concerne à formação como instrumento de desenvolvimento local, ficou demonstrado pelos participantes na mesa-redonda a importância de alargar o âmbito da qualificação à formação individual e social, havendo da parte das entidades responsáveis pela acreditação das entidades formadoras e da gestão do Fundo Social Europeu uma abertura para, no âmbito das suas competências, contemplarem as necessidades de formação diagnosticadas pelas ADL no seu trabalho no terreno. Um contributo para essa flexibilidade passará pela gestão do LEADER + através de um único Fundo Estrutural: FEOGA-Orientação.

O INOFOR salientou o trabalho desenvolvido na criação de Centros de Recursos em Conhecimento e a nova regulamentação do Fundo Social Europeu.

O CD-Rom de planeamento de uma acção de formação, apresentado durante o Seminário, terá necessariamente que ser adaptado a estas novas regras.



Acção de Formação

texto e foto de Paula Matos dos Santos

Como chegar à escola

Professora durante 25 anos, Regina Faria tem procurado, nos últimos anos, enquanto formadora de professores, trabalhar a relação entre a escola e a comunidade local. Por isso, quando o convite para animar uma "formação" sobre "A escola no desenvolvimento local" chegou, não hesitou.

Disposta a ajudar as associações LEADER do Ribatejo e Oeste a encontrar o caminho para chegar à Escola, Regina Faria, consciente de que não era num dia e meio que iriam travar a "batalha" optou por situar a problemática lançando pistas de reflexão, através de alguns textos (papéis, como preferiu chamar-lhes), e trocando impressões sobre as experiências das associações. Até porque uma solução mágica ela não tinha. O que disse desde logo. "Estamos muitíssimos atrasados e há um longo caminho a fazer. Para já, dentro das próprias escolas, depois na interacção da escola com a comunidade. O que vamos fazer é mostrar ao exterior da escola aquilo que a escola é; é mostrar quais são as fronteiras que podem ser levantadas àqueles que vêm de fora e querem entrar na escola".

No entanto, Regina Faria tinha uma pergunta: saber que escola têm as associações de desenvolvimento local e qual é que gostariam de ter. E foi por aqui, por esta provocação, que deu início à "formação".

Chamados a falar das suas experiências, os técnicos das associações pintaram um cenário ainda mais negro do que aquele que a formadora esperava encontrar.

Da "oficina" realizada no "Moinho do Pagador" (Óbidos), as dificuldades já tinham saltado, por isso, os "formandos" sentiam algum à-vontade para falar sobre o assunto.

Da primeira ronda, o resultado foi uma visão muito negativa da instituição escola. Para José Coutinho da LEADEROESTE "as escolas devem dizer o que necessitam e se querem participar. Não deve ser a sociedade civil a pedir que vão ter com ela. Penso que as escolas é que têm de se abrir porque a ideia que eu tenho é que são uma carapaça expugnável".

Fernanda Borghetti, vive em Portugal há três anos, trabalha num centro de recuperação infantil na zona de intervenção da ADIRN (Torres Novas) e a sua visão pouco diferente é. Acha que as inovações são vistas como uma ameaça e só se consegue fazer alguma coisa com muito esforço, força de vontade e algum sacrifício pessoal.

Para o coordenador do GAL daquela associação, Jorge Rodrigues, os professores têm um vencimen-

to baixo, não têm meios e são muito dependentes do Ministério da Educação e por isso também não podem fazer muito mais do que debitar informação.

"É também uma questão de legislação", lembra João Maria Tomaz (APRODER). "Por isso é mais fácil, para nós, trabalhar com as escolas profissionais. Têm um tipo de abertura completamente diferente". Uma opinião partilhada pela técnica da TAGUS, Fátima Martinho, cuja associação também dinamizou alguns projectos nestas escolas.

Xavier de Basto, há oito anos nisto (pegando nas suas palavras) lembra que a primeira coisa que fez quando chegou à CHARNECA foi lançar um inquérito para fazer um LEADER à medida das necessidades da população. Quando foi pedir a colaboração das escolas "é que foi o problema".

Regina Faria não resistiu a fazer um primeiro comentário. "Uma das coisas que é preciso definir é saber qual é a margem de manobra que as associações de desenvolvimento local (ADL) têm para entrar na Escola. É importante saber que existem normativos legais. Outra coisa é saber o que é um Projecto Educativo de Escola e qual é o papel da comunidade e de todas as entidades da comunidade na feitura desse projecto", entre as quais as ADL.

Iam à procura de respostas mas encontraram uma pergunta: Com que escola gostariam de trabalhar? Ter-se-iam enganado? Não. As pistas – Golegã, 23 e 24 de Outubro – estavam correctas. Fazia parte do plano de "formação" architectado pela Célula de Animação com a ajuda de uma "agente secreta": Regina Faria.

entre a escola e o meio, o projecto educativo de escola

Sobre este último deteve-se um pouco mais até porque o projecto educativo de escola era um dos pontos do programa. "Estes projectos educativos que o Ministério da Educação legislou para permitir às escolas uma certa autonomia muito poucas escolas os sabem fazer e já lá vão 10 anos desde que saiu o decreto-lei". (decreto-lei n.º 43/89)

Lamentando a ausência de professores "porque eles precisam de ouvir as coisas que aqui vão ser ditas", Regina Faria que "reclama do estatuto de professora e mais nada" e assumindo essa responsabilidade, também não se coíbiu de apontar o que, a seu ver, está mal na escola. "O que é preciso é que as escolas se responsabilizem pelos jovens que têm a seu cargo e que, de uma vez por todas se libertem do Ministério. Durante 40 anos foram comandadas pelas instâncias superiores. A descentralização que se está a tentar fazer com os projectos educativos de escola mete medo aos professores porque não sabem trabalhar independentemente do Ministério, tal é a quantidade de anos que trabalharam sem poder fazer fosse o que fosse sem pedir autorização. Temos de compreender que os professores não só estão muito agarrados a este modo de trabalhar como lhes falta formação. Tomara ao Ministério que as escolas tomem em mãos os seus problemas. Existem escolas que têm um ambiente tão catastrófico no que diz respeito à sua população estudantil que tudo o que possa vir de fora é visto como uma tábuca de salvação".

Mas a verdade é que, a fazer valer os testemunhos contados na primeira pessoa do plural, os professores temem ver as suas escolas invadidas por "estranhos", e erguem muros à sua volta. Regina Faria é professora, "viveu" lá dentro percebe do que falam os técnicos das ADL, e até entende mas o que não aceita é que se ponham todos os professores no mesmo saco. Claro que ainda há professores agarrados aos manuais mas "como em todas as profissões, da menos qualificada à mais especializada, há os que estão mais preparados e os que estão menos". Existem então excepções. As associações também foram portadoras dessas excepções. Exemplos de pequenas e grandes vitórias como os que António Alberto levou até à Golegã.

Com "À descoberta da vida activa" e "Gira

Escola, Gira Local", a ESDIME conseguiu fazer da Escola um parceiro efectivo no desenvolvimento local da sua zona de intervenção. A apresentação entusiástica do jovem técnico da associação do Sudoeste do Alentejo, que diz ter aprendido com estes dois projectos mais do que alguma vez imaginou, lançou uma nota de esperança, mostrando por A mais B que nem tudo está perdido.

No fundo, esta era também a mensagem que a formadora pretendia deixar. No meio dos papéis e das conversas, "como tem a escola ensinado", "como deveria a escola ensinar", e "como deve a escola interagir com a comunidade" foram alguns dos aspectos abordados na "formação" da Golegã. Muito se disse ainda sobre "parceria educativa", "cultura de participação" e "educação".

Para Cristina Cavaco (Célula de Animação LEADER) trabalhar o problema da educação é fundamental. Mas trabalhá-lo de uma forma global, envolvendo toda a gente e não "apenas" professores, alunos e pais. Porque pôr a questão da educação é pôr também a questão da participação. O que passa necessariamente pelas representações, ou melhor, por uma mudança das representações de todos os actores envolvidos no processo. Chamando os pais, motivando-os, ao invés de criticá-los, Cristina Cavaco acha que é possível e que vale a pena trabalhar com as escolas.

Entre tudo o que foi dito, e numa tentativa de sistematização Cristina Cavaco apontou os aspectos, a seu ver, mais importantes. Para criar um espaço para fazer essa sistematização, identificar os instrumentos que existem assim como onde é que existem as falhas, lançou um desafio: um Caderno Temático. Uma ideia, um caminho que a ADIRN, APRODER, CHARNECA, LEADEROESTE e TAGUS poderão tomar antes de avançar para o seminário cujo tema poderá vir a ser este ou não. Está nas mãos das associações.

Desdobrada em duas partes, convém lembrar que esta foi apenas a primeira parte da "acção de formação" do Ribatejo e Oeste. Só quando se realizar a segunda, sobre "imagem dos territórios", a acontecer em local e data a marcar oportunamente, é que os grupos poderão decidir qual o tema do seminário. O que não implica que o Caderno Temático sobre a Escola no Desenvolvimento Local se faça. Resta esperar para ver.

Seminário temático "Auto-Sustentabilidade das ADL

As ADL como dinamizadoras e parceiras empresariais do desenvolvimento local

(Centro Cultural da Meda, 5 a 7 de Dezembro de 2000)

Que futuro para as ADL, após o fim do LEADER II ou do LEADER + ? Como antecipar o fim dos fundos estruturais e das ajudas comunitárias? Como aproveitar o período até 2006 para a construção de estruturas locais que possam assegurar o desenvolvimento rural a longo prazo, independentemente dos apoios exteriores que possam vir a existir no futuro? Como passar de um desenvolvimento local baseado em subsídios para um desenvolvimento local auto-sustentável?

Preocupadas com estas questões, as ADL Corane, Douro Superior e Raia Histórica, decidiram orientar a sua reflexão mais especificamente sobre o tema da criação e dinamização de empresas locais pelas ADL, elemento chave para assegurar uma auto-sustentabilidade das ADL e dos processos de desenvolvimento local em meio rural a longo prazo, através da organização de um seminário.

O seminário tem três objectivos:

1. Motivar e mobilizar os potenciais parceiros locais para a criação de empresas ou estruturas de serviços conjuntamente com as ADL.
2. Promover a aquisição de novas competências pelos técnicos das ADL para a criação de empresas.
3. Divulgar experiências existentes e discutir possibilidades de cooperação futura.

O seminário será realizado em três dias. No primeiro, serão apresentados os objectivos do mesmo, seguidos de três comunicações subjacentes ao tema geral do seminário, a realizar pelas ADL organizadoras, sobre "o interesse para o território", "a identificação das necessidades" e "a mobilização dos parceiros". Ainda neste dia, os participantes poderão visitar stands/salas onde ADL convidadas apresentarão de uma forma interactiva as suas experiências.

No segundo dia, serão apresentados os aspectos fiscais e económicos, nomeadamente o Programa Operacional de Economia, com as medidas mais adequadas às ADL e às suas iniciativas empresariais. Uma mesa-redonda permitirá a discussão sobre o funcionamento em rede a nível nacional, de várias empresas criadas por ADL de territórios diferentes no mesmo sector (caso do turismo). Através de workshops animados por ADL convidadas, a partir de um caso seu, será facilitada a discussão em torno de iniciativas pró-empresariais que os participantes desejem promover em cooperação com outros, no âmbito de áreas como o turismo rural, certificação de produtos agro-alimentares, associações e cooperativas profissionais e ainda, na intervenção de âmbito social.

No terceiro dia, com a presença de actores locais convidados, serão apresentadas as conclusões do seminário. Em seguida realizar-se-á uma conferência sobre o turismo como factor de revitalização de zonas do interior, a qual introduzirá uma mesa-redonda sobre o lançamento de uma empresa de turismo na zona de intervenção da Raia Histórica.

Programa

Terça-Feira · 5 de Dezembro

09h30 | 10h00
Recepção dos participantes; distribuição de documentação.

10h00 | 11h00
Sessão de Abertura e Enquadramento do Seminário: *O interesse para o território (DOURO SUPERIOR)*
A identificação de necessidades (CORANE)

11h00 | 11h15
Pausa para café

11h15 | 13h00
A mobilização de parceiros (RAIA HISTÓRICA)
Debate

13h00 | 14h30
Almoço

Tarde: Visita rotativa a stands organizados em salas.

14h30 | 16h00
Visita a stands temáticos
Como definir uma estratégia (CENTER)
Como iniciar o projecto (ADD)
Como implementar e promover (CENTRO BRITO DE CARVALHO)
Como consolidar a longo prazo (TEMPLAR)

16h15 | 16h30
Pausa para café

16h15 | 16h30
Debate em plenário a partir das observações e questões efectuadas durante a visita aos stands

20h00
Jantar

Quarta-Feira · 6 de Dezembro

09h30 | 11h00
Criação de entidades empresariais: aspectos jurídico-fiscais e instrumentos de apoio (POE)

11h00 | 11h15
Pausa para café

11h15 | 13h00
Mesa redonda: *O funcionamento em rede a nível nacional (o caso do turismo)*

13h00 | 14h30
Almoço

Tarde: Workshops

14h30 | 16h30
Workshops: apresentação de casos, discussão e apoio a projectos específicos
Turismo em espaço rural (TEMPLAR)
Entidades certificadoras de produtos agro-alimentares (TRADIÇÃO E QUALIDADE)
Associações e cooperativas profissionais (ASSOCIAÇÃO PRODUTORES FLORESTAIS VALE DO MINHO)
Intervenção de âmbito social (ADELO)

16h30 | 16h45
Pausa para café

16h45 | 18h00
Continuação dos trabalhos

20h00
Jantar

Quinta-Feira · 7 de Dezembro

09h30 | 11h00
Apresentação das conclusões do seminário
Conferência: *O turismo como factor de revitalização de zonas do interior*

11h30 | 11h45
Pausa para café

11h45 | 12h30
Mesa redonda: *Debate sobre o lançamento de uma empresa de turismo na zona de intervenção da ADL (o caso da RAIA HISTÓRICA)*
Sessão de encerramento

13h00 | 13h30
Inauguração do Museu Rural da Meda (Projecto LEADER II)

13h30

No âmbito das actividades da Célula de Animação da rede portuguesa LEADER II, está prevista a realização de dois encontros anuais com a participação de todos os grupos LEADER bem como dos beneficiários da medida B2, numa organização em parceria com a Direcção-Geral do Desenvolvimento Rural e a Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER.

Após o Encontro Nacional realizado no ano passado em Carcavelos e o Encontro Nacional de Évora em Março deste ano, este será o III Encontro Nacional da Rede LEADER II, a realizar no CNEMA em Santarém.

III ENCONTRO NACIONAL DA REDE PORTUGUESA LEADER II

PARA QUÊ?

Este III Encontro Nacional tem quatro objectivos

1 - Fazer o ponto da situação e o balanço do LEADER II

A alguns meses do encerramento do Programa LEADER II, importa fazer um balanço quantitativo e qualitativo sobre a implementação do Programa, nomeadamente os seus pontos fortes e fracos, a sua adequação à estratégia definida nos PAL, as dificuldades encontradas e os ensinamentos a todos os níveis envolvidos na gestão e acompanhamento do Programa. Por outro lado, o período final de execução coloca alguns problemas práticos que importa debater em conjunto, nomeadamente a versatilidade nos regulamentos internos, ajustamentos orçamentais, *timing* para o encerramento do Programa e a gestão relativa ao saldo final.

2 - Fazer um balanço das actividades da Célula

No fim do ano 2000 já faz quase dois anos que a Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER está a funcionar e a situação evoluiu bastante desde o momento do início das actividades. Nessa altura, a rede LEADER era ainda pouco activa, o que levou a Célula a focalizar os seus esforços no sentido de fazer emergir grupos de proximidade, grupos de trabalho, etc. numa metodologia participativa e ascendente. Hoje, o trabalho em rede passou a ser uma prática corrente, nomeadamente através do aprofundamento colectivo de uma série de temas-chave para o DL, da criação de saber-fazer e de instrumentos sobre estes temas e da sua divulgação pelo conjunto das ADL a nível nacional.

Esta evolução leva a repensar as formas e a metodologia de intervenção da Célula. Em que medida estão adaptados às necessidades de hoje? Um primeiro passo nesta reflexão consistirá em fazer um balanço das actividades da Célula tanto em termos de conteúdo como de metodologia de intervenção.

3- Preparar a intervenção da Célula para o ano 2001

O que nos leva a reflectir sobre como orientar o trabalho na Célula para o próximo ano. Quais são as necessidades de hoje a nível da rede? Como passar, por exemplo, da ideia de divulgação de saber-fazer específicos acumulados por grupos de ADL à criação de serviços comuns à rede no seu conjunto? Qual pode ser a função da Célula nesta perspectiva? Quais formas e metodologias de intervenção são, actualmente, desejáveis? Que objectivos podemos definir para o ano 2001?

4 - Informação e troca de impressões sobre o LEADER +

O Programa Nacional LEADER + acaba de ser apresentado pelo Governo à Comissão Europeia. O que podemos dizer deste programa hoje? Quais os elementos que seria importante tomar em consideração no diálogo que vai decorrer nos próximos meses entre o Ministério e a Comissão Europeia até a aprovação do Programa?

COMO?

Procurar-se-á que este encontro seja o mais participativo possível. Para dar oportunidade a todos os participantes de exprimir a sua opinião, organizar-se-ão grupos de trabalho em alternância com sessões plenárias. Também estão previstos durante o Encontro períodos de tempo para debates sobre temas específicos que as ADL pretendam analisar.

Quanto às sessões sobre o balanço do LEADER II e sobre o LEADER +, haverá nos dois casos três intervenções, respectivamente do Ministério, do avaliador e da Federação Minha Terra como representante das ADL, seguidas de um debate geral.

O Encontro Nacional será organizado em dois dias:

- o primeiro dia (14 de Dezembro) será dedicado ao ponto da situação e balanço do LEADER II e ao balanço das actividades da Célula de Animação
- o segundo dia (15 de Dezembro) será dedicado à preparação da intervenção da Célula no próximo ano e à informação e troca de impressões sobre o LEADER +

Programa provisório

Quinta-feira, 14 de Dezembro

- 09.00h - Recepção dos participantes
- 09.30h - Abertura do Encontro
- 10.00h - Ponto de situação e balanço do LEADER II
 - intervenção da Direcção-Geral do Desenvolvimento Rural
 - intervenção do responsável da avaliação do Programa Nacional LEADER II
- 11.00h - Intervalo para café
- 11.15h - Continuação do ponto de situação e balanço do LEADER II
 - intervenção da Federação das ADL "Minha Terra"
 - debate
- 12.00h - Ponto da situação sobre as actividades da Célula com a intervenção dos diversos grupos de trabalho existentes a nível da rede LEADER
- 13.00h - Almoço
- 14.30h - Balanço das actividades da Célula - Análise em grupos de trabalho
- 16.30h - Intervalo para café
- 16.45h - Apresentação das conclusões dos grupos de trabalho e debate em sessão plenária
- 18.00h - Momento reservado para diversas intervenções e debate
- 20.00h - Jantar

Sexta-feira, 15 de Dezembro

- 09.00h - Introdução aos grupos de trabalho para o segundo dia
- 09.15h - Expectativas para o ano 2001 - Debate em grupos de trabalho
- 10.45h - Intervalo para café
- 11.00h - Apresentação das conclusões dos grupos de trabalho e debate em sessão plenária
- 12.00h - Momento reservado para outras intervenções, nomeadamente um ponto da situação sobre os Encontros Mundiais do Desenvolvimento Local
- 13.00h - Almoço
- 14.30h - O Programa Nacional LEADER +
 - intervenção da Direcção-Geral do Desenvolvimento Rural
 - intervenção do responsável da avaliação ex ante do Programa Nacional LEADER +
 - intervenção da Federação das ADL "Minha Terra"
 - debate
- 16.30h - Pausa café
- 16.45h - Sessão de Encerramento do III Encontro Nacional da Rede Portuguesa LEADER II
- 17.15h - Encerramento dos trabalhos

Um caminho para chegar aos planos de desenvolvimento local



foto: Luis Chaves

Com o LEADER II a fechar as portas, é tempo de pensar no futuro. A Beira Douro recebeu, em Lamego, outras quatro ADL - Desteque, Douro Histórico, ADRAT e Dueceira – que conjuntamente com a Célula de Animação ao longo de dois dias de trabalho, lançaram as bases para a construção de uma metodologia consensualizada para elaborar uma estratégia territorial e um plano de desenvolvimento local.

O cenário, desenhado na pedra com serras e vales cujos tons de laranja e dourado pareciam adormecer à luz baça de Outono, convidava à reflexão. Mas em Lamego, no recato da Quinta da Timpeira, espaço de turismo rural apoiado pelo programa LEADER II que a Beira Douro escolheu para a realização desta acção, discutiu-se o futuro.

No princípio era uma ideia

Pegar nos diversos instrumentos disponíveis para elaborar, com as ADL, um mecanismo de apoio para conceber uma estratégia de intervenção e, conseqüentemente um plano de desenvolvimento local.

O Método SAP (Sistematização da Auto-avaliação participativa), apresentado no Seminário de Viseu pelo Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte, permite fazer o ponto de situação do território, da implementação do LEADER e da evolução da ADL.

A comunicação da Comissão aos Estados-membros que estabelece as orientações relativas à iniciativa comunitária de desenvolvimento rural (LEADER+) aponta uma série de exigências em relação à definição de uma estratégia territorial, que é importante considerar. Em particular, a estratégia deve ser integrada à volta de temas federadores, dar prioridade a grupos como as mulheres e os jovens, ser coerente no território, ter viabilidade económica, demonstrar um carácter durável, piloto, transferível e complementar de outras intervenções ou programas.

Os guias metodológicos elaborados pelo Observatório Europeu LEADER, nomeadamente um conjunto de cinco cadernos, recentemente publicados, são instrumentos que sugerem algumas pistas para montar

uma estratégia de desenvolvimento local sustentável com base no conceito de "competitividade territorial".

O método em construção

Esta acção foi o lançamento de um processo. Analisando os documentos que estavam sobre a mesa, com base na experiência dos elementos das ADL presentes e recorrendo a alguns exercícios práticos esboçou-se um método assente em quatro etapas.

Um ponto de partida pode ser definir objectivos e resultados a partir da análise do território, identificando e hierarquizando os pontos fortes, pontos fracos ameaças e oportunidades através análise da competitividade social, ambiental e económica dos territórios, que conduzem à definição de objectivos e resultados a atingir.

Na acção de formação foram ensaiados exercícios de análise dos diferentes territórios das ADL presentes, ao nível das diferentes "competitividades". Este trabalho, que carece de um aprofundamento e análise mais detalhados, serviu no essencial para identificar e corrigir falhas e aperfeiçoar o método em construção.

Na segunda etapa pretende-se definir e consolidar uma estratégia geral de desenvolvimento do território. Quem são os outros actores presentes no território? Quais os programas e intervenções existentes, ou que se podem perspectivar, para responder às necessidades e objectivos identificados?

O passo seguinte será definir uma estratégia para o LEADER+, analisando qual o papel e objectivos da ADL, de que maneira pode responder às carências para as quais os outros

actores ou intervenções não apresentam soluções. De entre os objectivos e a estratégia identificada para o território, quais os desafios que se colocam à ADL?

Por fim, é possível começar a montar um PDL para o LEADER+, integrando elementos do território, da parceria local, a estratégia e outros, que terão que ser analisados, discutidos e consensualizados mais tarde, pois os dois dias desta acção não foram suficientes para aprofundar todos os aspectos.

As ADL em campo

A definição de uma estratégia geral de desenvolvimento do território, suscitou animado debate, com as associações a apresentarem algumas ideias traçadas para a estratégia geral, e também a exporem as suas dúvidas. Aurora Ribeiro, da Desteque, foi a primeira a "abrir hostilidades" referindo a "definição das zonas homogêneas para Trás-os-Montes", que vai servir de ponto de partida para as estratégias das associações transmontanas. De acordo com a coordenadora da Desteque, no princípio haverá um "tema federador que depois será desmembrado". É que "cada zona tem um ou dois temas" passíveis de serem trabalhados. Gomesindo Chaves confirmou ser esta também a perspectiva da ADRAT, que para já, pensa abordar o território com base em três zonas, explorando a especificidade de cada uma destas zonas.

"Dois grandes temas federadores: o Douro e o Vinho" são, nas palavras de Manuela Pires, o ponto de partida do trabalho da Douro Histórico. "Terminado o LEADER II, já temos projectos em carteira, que vão servir de referência para acções de desenvolvimento", acrescenta a coordenadora desta associação, que adianta que na Douro Histó-

rico "já estruturámos a apresentação do PDL", faltando agora corrigir determinados problemas com os mecanismos identificados nesta Acção de Formação.

A experiência da Dueceira resulta de uma aproximação aos municípios. De acordo com Maria do Céu Pinheiro, a associação "pediu às câmaras uma análise do tipo SWOT (pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças). As diferentes ideias serão depois articuladas pela associação." Por outro lado, a associação tem realizado um trabalho de prospecção junto da população local, através de inquéritos aplicados, de modo a conhecer as opiniões e preferências da população, o que ao mesmo tempo permite saber qual o nível de conhecimento que a população tem da associação e do programa LEADER.

Por fim, Miguel Santos, técnico da associação anfitriã, fez uma breve apresentação do trabalho da Beira Douro na estruturação de uma estratégia articulada.

e agora...

A discussão e os exercícios realizados permitiram, nesta primeira fase, elaborar um primeiro esqueleto de um método para elaborar uma estratégia territorial e um plano de desenvolvimento local. Saímos todos de Lamego com trabalho de casa... As ADL presentes e a Célula de Animação, constituíram-se num grupo de trabalho que realizará algumas reuniões durante o mês de Dezembro e que se investirá no aperfeiçoamento e finalização do método. Prevê-se a realização de um seminário temático de restituição deste trabalho às restantes ADL interessadas, no início de 2001.



foto: Paula Matos dos Santos

Seminário do Observatório Europeu LEADER, em Vidago de 26 a 28 de Outubro

Balanço da cooperação transnacional no LEADER II



foto: Paula Matos dos Santos

No momento em que se conclui o LEADER II, o Observatório Europeu LEADER realizou um estudo sobre a cooperação transnacional levada a cabo no quadro desta iniciativa de desenvolvimento rural.

Pretendia-se ter uma visão geral dos diferentes sectores e actividades, que foram objecto de projectos de cooperação e de tentar identificar o impacto e as dificuldades das iniciativas de cooperação e, daí, retirar ensinamentos úteis para a nova Iniciativa Comunitária LEADER +.

O estudo foi realizado em três fases:

- Um questionário sobre a incidência, as dificuldades e as lições da experiência, foi enviado a todos os GAL que participaram num dos 246 projectos de cooperação de que o Observatório tem conhecimento. Ao qual responderam 111 GAL, ou seja 45,3% dos grupos LEADER que participaram numa cooperação;
- Em seguida, foram seleccionadas 44 acções para uma análise mais aprofundada em termos de processo, de actividades e de resultados, a partir de entrevistas realizadas no terreno com os responsáveis dos projectos;
- Por fim, os resultados do estudo foram debatidos no seminário realizado em Vidago, na região de Chaves (zona LEADER Alto Tâmega, Norte, Portugal)

Panorama

A cooperação transnacional envolveu metade dos grupos de acção local LEADER II. 46% dos grupos estiveram implicados em uma ou mais das 246 acções de cooperação transnacional LEADER II conhecidas pelo Observatório.

Se no quadro do LEADER I, a maioria das cooperações tinham sido iniciadas pelos países do Norte, o LEADER II viu entrar em força os GAL do Sul com numerosas cooperações entre países mediterrânicos.

(...)

Valor acrescentado

Em matéria de cooperação transnacional, o LEADER II tinha em vista apoiar as acções colectivas que pudessem desencadear resultados concretos e visíveis ao nível local. A maior parte das acções foram lançadas apenas há dois anos e ainda é muito cedo para tirar conclusões definitivas quanto ao impacto a longo prazo. Poucos grupos procederam já a uma avaliação das suas acções de cooperação e, por isso, não é possível ainda indicar dados precisos de empregos criados, de contactos obtidos, de mercados atingidos, etc.

(...)

Dificuldades

As principais dificuldades assinaladas pelos GAL que participaram no estudo dizem respeito à parceria transnacional (por vezes ineficaz e improdutivo), aos objectivos do projecto (pouco claros e muito ambiciosos), à condução e à coordenação das acções de cooperação (por falta de experiência ou de acompanhamento), aos problemas administrativos, financeiros e jurídicos e, por vezes, à incapacidade de reconhecimento local da pertinência do projecto de cooperação.

As lições a retirar

Não obstante a heterogeneidade dos grupos LEADER, em termos de experiência transnacional e a pertinência do tema de cooperação escolhido, o estudo e o seminário identificaram diversas pistas que podem melhorar a eficácia da cooperação transnacional rural:

- Encontrar os parceiros certos e associá-los no seio de uma parceria activa e sólida;
- Determinar um tema e objectivos que respondam a necessidades locais reais;
- Definir bem o plano de acção;
- Implementar uma estrutura de coordenação claramente identificada e responsabilizada, que assegure um acompanhamento-avaliação permanente;
- Não hesitar em solicitar assistência ao exterior (nomeadamente ao Observatório);
- Melhorar a gestão e dotar a acção de cooperação de um orçamento realista;
- Utilizar uma maior gama de recursos financeiros, conjugando fundos públicos e privados;
- Afinar e promover modelos jurídico-legais adaptados às associações, organismos e redes transnacionais;
- Difundir melhor as práticas admitidas em comum, no que diz respeito às normas de qualidade;
- Enraizar o projecto de cooperação a nível local, ajustando-o às necessidades locais, implicando, o mais possível a população no projecto, de modo que ela adira, mantendo-a informada do desenrolar do projecto e dos resultados da cooperação.

Os resultados detalhados do estudo e as conclusões do seminário estarão disponíveis no site Rural Europe e serão objecto de um "Caderno do Observatório" publicado em 7 línguas.

Jean-Luc Janot/Observatório Europeu LEADER

Qual é a principal lição que leva deste seminário?



Erich Campestrini
DG AGRI - Comissão Europeia

A principal lição deste seminário é que a cooperação transnacional entre os grupos de acção local é uma prioridade para a Comissão Europeia, encorajando os GAL a empenhar-se na cooperação transnacional tendo em vista a construção da rede europeia. Particpei em alguns grupos de trabalho e apercebi-me que a coisa mais importante para começar é a avaliação da situação para que os projectos tenham sucesso. Encontrei aqui muito entusiasmo e boas ideias que só têm de ser formuladas e apresentadas num enquadramento correcto.



Horst Höning
GAL Kleinregion Feldbach (A)

É uma pergunta difícil, diria. A principal lição é que é muito importante encontrar as pessoas. É possível ler as publicações sobre cooperação, enviar e-mails, estar na Internet, mas a coisa mais importante é encontrar as pessoas e assim conseguir a confiança para a cooperação. Isto é muito mais importante que todos os papéis, a Internet e tudo o mais.



António Montalvão Machado
ADRAT (PT)

Estou bastante contente. Primeiro porque aprendi muito sem sair de casa. Em vez de sermos nós a procurar novos conhecimentos, os novos conhecimentos é que vieram ter connosco. Isso é uma sensação ótima. Acho que correu tudo bem e da nossa parte, o mais importante foi, sem dúvida, a possibilidade de mostrar que nós temos aqui um projecto de cooperação que era, certamente, difícil ter noutra sítio.



Luis Collado
Unidade Espanhola do Observatório LEADER (ES)

A principal lição do seminário creio que é a importância que tem a cooperação transnacional para as zonas rurais como um processo de amadurecimento. É como fixarmos um objectivo que está mais adiante, para além do âmbito local. O que nos propomos fazer é aproximarmo-nos de outros lugares de forma que ao mesmo tempo que tentamos resolver os problemas das nossas zonas, procuramos também sinergias e reforços da nossa actuação pondo em comum as experiências de outros lugares.



Nuno Jordão
Comissão Nacional de Gestão LEADER (PT)

Como geralmente, levo uma boa impressão do seminário. Acho que é um tema que é bastante importante no LEADER e que tem tido algumas dificuldades de implementação. Foi muito bom ter-se realizado agora porque se relataram muitos problemas que costumam surgir e apontaram-se pistas para soluções.



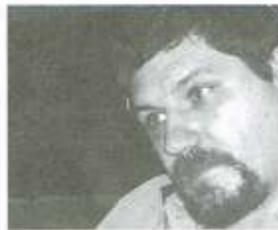
Jean-Pierre Verduyse
Observatório Europeu LEADER (BE)

À partida, que há uma enorme riqueza de conhecimentos e de inteligência nos grupos LEADER, mas isso eu já sabia. E que em matéria de cooperação existe hoje uma experiência acumulada que permite prever para o futuro o aparecimento de projectos ambiciosos e de melhor qualidade.



Malaquias Jiménez Ramírez
GAL La Manchuela (ES)

Eu creio que o mais importante deste seminário foi contactar com outros grupos a metodologia de trabalho, as formas de estabelecer a cooperação, os problemas administrativos que cada um teve. A melhor forma de resolver os nossos problemas é falando com outras pessoas que tiveram problemas parecidos. Tendo em conta que o Programa LEADER já está a terminar não há hipótese de estabelecer novos projectos, portanto a minha intenção ao vir a este seminário foi saber, relativamente aos que estão em execução, qual foi a metodologia de trabalho nos projectos de outros grupos para fazer um intercâmbio de mecanismos de actuação.



Kostas Lialiambis
GAL Pella (GR)

O que realmente me impressionou foi o quanto foi importante para todas as regiões ter cooperação transnacional. E também quanto foi importante ter um tema que interesse a região de forma a alcançar uma cooperação bem sucedida. No entanto, isto não foi difícil. No início tínhamos medo em não conseguir encontrar parceiros cujos temas servissem as nossas necessidades. Foi interessante descobrir que, através da Europa, existem problemas e temas parecidos. Por isso penso que é muito fácil ter cooperação transnacional. E os benefícios que tiramos da cooperação transnacional são muitos. Muitos mais do que a Comissão Europeia pensou inicialmente.



Regina Lopes
ADICES (PT)

É a importância da cooperação e a importância de que se criem os mecanismos que possibilitem, viabilizem todas as formas possíveis de cooperação. Quando estamos a falar de cooperação estamos a falar em termos de aspectos técnicos concretos para os diferentes territórios, mas estamos a falar de formar a opinião pública e de discutir o desenvolvimento local. É uma componente importante. Eu penso que chegámos todos à conclusão que é fundamental que a cooperação continue mas que seja repensada em termos de mecanismos de operacionalização de forma que todas estas formas possam ser viabilizadas no LEADER +.



Paul Soto
Observatório Europeu LEADER (ES)

Houve muita cooperação no LEADER II. Afastámo-nos muito dos primeiros dias. Desde 1996 houve cerca de 260 projectos que beneficiaram do apoio do Observatório do Programa LEADER II. Esses projectos progrediram de simples trocas de experiências e transferências de ideias para um trabalho conjunto em muitas áreas: turismo, agricultura, ambiente. Ainda é muito cedo para apontar resultados em termos de empregos criados, aumento das vendas ou de outras coisas materiais, mas houve muitos benefícios para as zonas em muitos sentidos. Agora, estamos num momento crucial, porque está a conceber-se o LEADER + e eu penso que é vital assegurar-mo-nos que as novas políticas têm a flexibilidade e os sistemas para suportar estes programas. Porque só se houver uma continuação é que poderemos ver os seus benefícios. Por exemplo, eu venho de Espanha e acho que, dentro de poucos anos poderemos ver grandes benefícios deste programa na zona da fronteira com Portugal.

* entrevistas Paula Matos dos Santos

Seminário Observatório opinião*

Mostra do mundo

"Viagens à nossa terra"

Um lugar de encontro com as raízes, um olhar sobre as memórias e tradições, um perfume de saberes e sabores típicos da serra ou da planície. É assim a "Mostra do mundo rural 2000": Um desfile de regiões no número 6 da Avenida Defensores de Chaves, em Lisboa, que o convidam a entrar, escutar, observar, trocar dois dedos de conversa... ou simplesmente recordar.

Portas abertas dia 24 de Outubro, na sede da Direcção-Geral de Desenvolvimento Regional (DGDR), a Mostra do Mundo Rural 2000 faz desfilar em Lisboa os saberes e tradições de nove regiões do país. Beira Litoral, Trás-os-Montes, Ribatejo e Oeste, Madeira, Açores, Alentejo, Beira Interior, Algarve e Entre-Douro e Minho têm ou tiveram encontro marcado com a população lisboeta.

"Pretende-se mostrar o que de melhor existe nos nossos territórios rurais." O lema que norteia a iniciativa é apregoado pelo director-geral do Desenvolvimento Regional, Rui Barreiro, que acrescenta que a iniciativa acaba por inverter uma tendência. "Portugal pode caracterizar-se por possuir uma população urbana com fortes ligações à terra. Esta Mostra acaba por trazer a terra até aos que vivem na cidade", ao contrário do que acontece habitualmente.

Cristina Serrão, relações públicas da DGDR acrescenta que "o fundamental é mostrar as potencialidades do mundo rural português". A iniciativa vem no seguimento da Mostra do Mundo Rural de 1999, que teve lugar na FIL, no Parque Expo, e que durou só dez dias. Este ano a opção recaí numa estrutura que se prolonga no tempo, embora "sem ter a grandiosidade de espaço do ano anterior", mas com os "mesmos objectivos".



foto: João Limão

Trás-os-Montes



foto: DUECEIRA

Beira Litoral

rural 2000



foto: João Limão

Madeira



foto: João Limão

Ribatejo



foto: João Limão

Açores

Cinco encontros com as raízes

Um mês depois da inauguração, já cinco regiões visitaram o aconchego da sede da DGDR, dado que Madeira e Açores articularam esforços e partilharam o espaço durante a mesma semana.

A "abrir as hostilidades" esteve a Beira Litoral. Uma inauguração que teve honras de abertura do certame e contou com a presença de entidades oficiais. Por entre as actuações da Companhia de Saltimbancos de Marimondo, uma composição de imagens do mundo rural e seus produtos, enquadradas em estruturas metálicas, revelava aos visitantes recantos da paisagem físico-natural da região, enquanto o artesanato e produtos locais se distribuíam anarquicamente pelos cantos da sala.

Na mesa, o Queijo do Rabaçal, os vinhos do Dão e Lafões, e as castanhas de Souto da Lapa abriam o apetite dos presentes para o "Lanche da Beira", com os enchidos, os

vinhos e licores, a doçaria, o pão, os queijos, e o mel da serra da Lousã. Um "cenário de perdição" a convidar a uma conveniente "perda de memória sobre aquela dieta que era urgente começar..."

Trás-os-Montes. Do "reino maravilhoso" evocado por Torga, vieram as músicas e cantares tradicionais, a projecção de documentários, e a exposição documental, para lembrar os costumes e tradições desta "região tantas vezes esquecida".

Ao vivo, os gaiteiros embalarão os presentes com o som das gaitas de folas de reminiscências celtas, enquanto um endiabrado careto desafiava a compostura e metia-se com as "moças da terra".

À mesa, mais uma vez os produtos típicos da região. Os vinhos, os fumeiros, as carnes e o azeite, porque a história e a tradição dificilmente cabiam nas malas. Ficou uma amostra dos "paraísos artificiais" na feijoada à transmontana, nas bôlas de carne e nos enchidos,

que foram um puro deleite para os participantes nas provas de produtos regionais.

Ribatejo e Oeste. Porque nem só de pão vive o homem, os prazeres da gastronomia ribatejana e a riqueza do vinho povoaram as instalações do evento. Um burburinho de vozes, entrecortadas com o saborear do Palhete de Ourém, as nozes ou os doces regionais, soou ao longo das tardes. Depois vieram as provas, como a degustação do vinho e do azeite, ou as provas de doces regionais.

Espalhadas por aqui e por ali, amostras de produtos tradicionais compunham a exposição permanente e despertavam os olhares para a tipicidade da região, enquanto a música de um acordeão e do rancho folclórico "Vale da Pedra do Cartaxo" abriram apetite para os sons das terras cantadas por Alves Redol.

Por fim, as ilhas. Madeira e Açores preencheram a quarta semana da iniciativa e partilharam a "montra" de produtos que tem

sido a DGDR. Um "Cantinho Açoriano" expôs o artesanato, com produtos feitos em escama de peixe, cantaria, vimes, bordados, miolo de figueira, folha de milho, tecelagem, cerâmica e hortênsia, lado a lado com os queijos, o atum ou o ananás.

Não ficou atrás o "Cantinho Madeirense", onde se podiam encontrar os vimes, os bordados, os trabalhos em palha de milho, linho e em osso de baleia, junto com os apetecíveis acepipes do arquipélago, entre os quais bolos de mel, broas, licores, mel de cana, ou o ponche de Câmara de Lobos, que se revelou um verdadeiro sucesso, sendo sempre muito concorrido.

João Limão

Plantada na planície central alentejana, entre Beja e Évora, a simpática vila de Cuba acolheu o "I Encontro do nosso pão", iniciativa organizada pela Associação Terras Dentro (ATD) com o apoio do programa Leader II e integrada na feira municipal. O colóquio "O nosso pão, passado e futuro", realizado no passado dia de São Martinho, constituiu o necessário prolongamento de uma iniciativa que deu os primeiros passos durante o mês de Setembro. Em paralelo, os presentes puderam apreciar a exposição "Haja pão" e a interpretação do Grupo Vocal e Instrumental "Espigas Douradas".



Foto: João Limão

I Encontro do nosso pão - Colóquio "O nosso pão, passado e futuro"

Pão entre a tradição e o futuro

*"Tão presente e tão esquecido.
Tão nobre e tão desprezado.
Tão alimento e tão maldito."*

O colóquio, que teve como palco o auditório do Centro Cultural de Cuba, reuniu à mesma mesa os saberes históricos de personalidades como Alfredo Saramago, Marques da Cruz e Vítor Moreira, cruzando-os com a juventude da nutricionista Carla Pereira ou da equipa da Escola Superior Agrária de Beja, bem como representantes da Associação dos Industriais de Panificação do Alto Alentejo (ASSIMPALA) - José Augusto, e da ATD - António Silva, sob o olhar atento de uma assistente próxima da centena de pessoas.

Número que, de acordo com Odete João, uma das organizadoras do evento, constitui um sucesso. Face "às expectativas que tínhamos, correu bem. Tendo em conta a especificidade do tema, não é fácil mobilizar tantas pessoas". No capítulo das mágoas conta-se apenas a escassa presença dos padeiros da terra, dado que "não conseguimos mobilizar tantos como gostaríamos, apesar de termos escolhido uma data em que pudessem estar presentes".

Para trás ficou uma iniciativa começada em Setembro, e que "estava no papel desde 1997, só que não tinha havido oportunidade de levá-la à prática". Surgiu então a ideia de atribuir o tema "Pão" à feira de Cuba, e para já "o objectivo é dar-lhe continuidade, para o que contamos com o apoio da Câmara Municipal". No futuro, "o objectivo passa por uma ideia de uma possível certificação do pão alentejano".

História e futuro

Profundamente enraizada na tradição gastronómica dos povos mediterrânicos, a origem do pão, perde-se nos confins da história. Sabe-se que a sedentarização é indissociável do aparecimento dos cereais como novo capital alimentar. A possibilidade de armazenamento de alimentos e a sua distribuição no tempo permitiu o crescimento demográfico. Só mais tarde apareceu a farinha, e depois... o pão. De acordo com Alfredo Saramago "ao tempo da Grécia Antiga já era possível aí encontrar mais de setenta e duas maneiras de fazer pão e cinquenta e sete qualidades de bolos!"

Marques da Cruz, investigador de história da alimentação, acrescenta que as diversas formas de pão foram "um dos segredos das extraordinárias conquistas romanas, tal como o foram da expansão portuguesa", ao constituir-se como um prático alimento, leve e fácil de transportar, capaz de alimentar exércitos em constante deslocação.

Implantado em definitivo nos usos e costumes dos povos mediterrânicos, o pão tornou-se no sustento e base de alimentação das classes populares. "Ganhar o pão de todos os dias" resume a necessidade de sobrevivência diária e o seu carácter de alimento essencial. Marques da Cruz considera "símbolo do árduo trabalho humano e representante máximo dos poderes sobrenaturais de Deus".

O pão reforçara a sua sacralidade, como alimento que reforça os laços entre o material e o espiritual, e que ainda hoje perdura. O pão que é benzido na Missa, o simbolismo da cruz feita no cimo do pão acompanhada de uma reza, como: "Deus te acrescente, como as mentiras pela gente e o Diabo que arrebente", ou a crença de que não se deve pôr um pão virado ao contrário, com a base virada para o ar, por poder suscitar as forças do mal.

Mas, não só do passado se falou em Cuba. Vítor Moreira alertou para a necessária adaptação da indústria de panificação aos tempos modernos. Entre as medidas a tomar é importante "utilizar etiquetas de exposição, de embalagem e de validade", de modo a oferecer uma garantia de qualidade. É necessário "que se desenvolva o conceito de pão de marca, ou o registo de especificidade", por outras palavras: "impõe-se a certificação".

Foi de certificação que veio falar a equipa da Escola Superior Agrária de Beja, através da apresentação de um projecto de obtenção de uma denominação protegida. Nesta primeira fase, a escola fez um trabalho de caracterização do pão alentejano, com a identificação de alguns dos principais parâmetros, que podem determinar a atribuição de uma Denominação de Origem Protegida (DOP) ou Indicação Geográfica Protegida (IGP). Dados os primeiros passos nesta matéria, João Canada deixou no ar a possibilidade de a escola colaborar num processo de credenciação e certificação do pão.

No final, António Silva, da ATD, ainda apresentou dois programas de apoio destinados a empresários. Um de apoio à contratação, cuja entidade gestora é o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), e o SIPIE - Sistema de Incentivos às Pequenas Iniciativas Empresariais, do Ministério da Economia. Mecanismos que podem servir de apoio à indústria da panificação, pois como disse o moderador da sessão, Joaquim Pulga (ATD): "As mais valias do pão alentejano têm de ficar no Alentejo."

João Limão



foto: Delegação Polaca

Delegação Polaca visita LEADER

Durante a última semana de Outubro, deslocou-se a Portugal, uma delegação de técnicos polacos, da Fundusz Współpracy (Fundação "Fundo de Cooperação"), com o objectivo de conhecer a experiência portuguesa do Programa LEADER, não só ao nível do Ministério mas também ao nível das ADL e dos promotores de projectos, uma vez que se preparam para gerir na Polónia, um programa nacional polaco - Agrolinia 2000.

Esta delegação teve a oportunidade de se reunir com um representante da Direcção-Geral do Desenvolvimento Rural, com a Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER, com o Gabinete de Planeamento e Política Agro-alimentar, com a Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo e com a INDE. Visitaram ainda a TEMPLAR, a Leader Oeste, e a Coprorabaçal, e alguns projectos LEADER, como os restaurantes O Moinho do Pagador e o Moinho de Porto de Mós, o alojamento do Mundo de Aventura e a Loja do Mundo Rural.

O balanço foi muito positivo e produtivo pelo interesse e elevado número de questões que levantaram em todos os encontros. No final da visita ficou patente nesta delegação a satisfação e a vontade de, no futuro, se desenvolverem alguns dos contactos que foram feitos.

O Programa Agrolinia 2000 tem por finalidade apoiar a transformação do mundo rural e as comunidades rurais de modo a ajustarem-se activamente à economia de mercado e à integração Europeia.

Alguns comentários da delegação polaca relativamente a pistas de trabalho no futuro:

"Tentar-se-á a manutenção dos contactos entre as instituições que representamos, com as instituições visitadas, que a INDE nos apresentou, numa forma ampla e profunda."

"A experiência LEADER em Portugal e na Europa, poderá mais tarde vir a contribuir para a formação de futuros formadores e agentes de desenvolvimento local na Polónia..."

"Poder-se-á pensar no apoio à criação de parcerias entre grupos Leader portugueses e regiões piloto incluídas nas actividades do programa Agrolinia Plus para o desenvolvimento local ..."



foto: CoraNE

A Castanha nas Mesas Europeias

Com o objectivo de recuperar e valorizar as melhores receitas europeias tradicionais e inovadoras baseadas na castanha, decorreu nos dias 14, 15 e 16 de Novembro, em Bagno di Romagna, região de Emilia Romagna em Itália, o I Concurso Gastronómico Europeu da Castanha.

Tratou-se de uma acção integrada no Projecto de Cooperação Transnacional "A Estrada Europeia da Castanha" desenvolvido no âmbito do Programa Leader II, que tem como parceiro português a CoraNE.

Participaram no Concurso Gastronómico 10 regiões de quatro países: seis de Itália, duas de França, uma de Espanha e uma de Portugal. Cada região participou com dois cozinheiros e respectivos ajudantes, sendo um responsável pela apresentação de um Menú de Tradição e o outro de um Menú de Inovação. O júri internacional foi formado por representantes de cada região participante.

Os cozinheiros portugueses apresentaram três pratos no Menú de Tradição (sopa de castanha, javali com lombardo e castanha e doce de castanha) e quatro pratos no Menú de Inovação (salada do campo, aveludado de castanha, lombelo aos primores e mousse de castanhas).

Para a CORANE esta iniciativa foi de extrema importância na medida em que permitiu a divulgação na Europa da gastronomia da Terra Fria bem como constituiu uma experiência muito rica em aprendizagem.

CoraNE



foto: Terras Dentro

Feira do Montado 2000

Desde 1998 que a **Associação Terras Dentro** e a **Câmara Municipal de Portel** estão promovendo um evento a ser realizado de raiz denominado **Feira do Montado**, evento este que pretende ser o principal fórum nacional acerca da temática do Sistema florestal do Montado, abrangendo toda a fileira desta temática incluindo a investigação, as associações de defesa do ambiente, a produção florestal, os agro-alimentar, a indústria corticeira e de maunaria florestal e agrícola...enfim toda a fileira!

Este evento decorrerá de 29 de Novembro a 3 de Dezembro em Portel, concelho onde grande parte da sua área é Floresta de Montado. Para potenciar este evento será realizada a 3.ª edição do colóquio denominado "Conservação e Valorização dos Sistemas Florestais de Montado" e que conta com a participação de Grupos LEADER de Espanha e Itália, entre outros participantes. O combate aos fogos florestais, a questão do Alqueva, o turismo de natureza e os agro-alimentares serão alguns dos temas que serão debatidos neste evento. A animação passará por teatro, espectáculos musicais, animação infantil, provas gastronómicas...

Esta Feira tem como Presidente da Comissão de Honra o Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e Pescas, o Governador Civil de Évora, o Presidente da Comissão de Coordenação da Região Alentejo, o Director Geral da Direcção Geral das Florestas, o Director Regional da Direcção Regional de Agricultura do Alentejo e o Sr. Gestor do PEDIZA II.

Para além desta Comissão de Honra existe ainda uma Comissão Consultiva do certame que engloba 18 entidades ligadas a esta temática, desde a investigação às empresas, passando pelas autarquias, associações de desenvolvimento local e de produtores, todas elas pertencendo à PARCERIA PRÓ-MONTADO, conjunto de entidades com o objectivo comum de defesa e promoção do Montado.

Terras Dentro



foto: Rota de Guadiana

A Capelinha, um novo espaço de animação cultural em Serpa

Com o apoio do Programa LEADER II/ Margem Esquerda do Guadiana foi feita a recuperação do espaço da Capelinha, situado no r/c do edifício da Rota do Guadiana.

A intervenção centrou-se na adaptação, para fins multi-usos, da antiga capela pertencente à casa em que a Rota tem a sua sede. Desde o início, houve a preocupação de manter a traça original do edifício, criando-se assim um espaço bastante aprazível para a realização de exposições, recepções a convidados e acções de formação.

A inauguração ocorreu no passado dia 10 de Novembro, com apresentação ao público de uma exposição colectiva de trabalhos executados pelos alunos de um curso de Introdução à Pintura e Escultura, sob orientação do Mestre Giga Coelho.

A partir de dia 1 de Dezembro, nova mostra, desta vez com trabalhos do artista Mário Rocha.

Rota do Guadiana

Solares de Portugal introduzem novo conceito de Turismo na Europa do Leste *

A TURIHAB esteve recentemente na Eslovénia, Hungria e no Norte da Baviera, com o objectivo de implementar o projecto «Europa das Tradições», no âmbito do programa "Ecos Ouverture".

Este programa visa contribuir para o desenvolvimento do Turismo rural nestas regiões, através da criação de redes regionais e nacionais de castelos, casas antigas e casas rústicas, oferecendo qualidade no alojamento privado, a exemplo do que a TURIHAB faz em Portugal. Pretende-se que este conjunto de medidas contribua para a preservação da herança cultural e incrementação do turismo na Europa.

Durante a visita realizaram-se vários workshops com promotores, responsáveis regionais e governamentais, nos quais foi apresentada a experiência portuguesa: "O exemplo da Europa das Tradições na Cooperação", "Análise de Marketing, a implementação da central de reservas e a Funcionalidade das Associações" e "Recuperação das casas e Utilização do Património privado para criação de alojamento".

Houve, ainda, uma visita a cada região para a percepção e levantamento das potencialidades locais e inventariação das casas para serem restauradas e adaptadas ao Turismo no Espaço Rural.

* Nota enviada pela ADRIL



foto: ATAHCA

Centro de apoio ao artesanato do Minho

No passado dia 4 de Novembro foi inaugurado na freguesia de Soutelo, em Vila Verde, o Centro de Apoio ao Artesanato do Minho, cerimónia que foi presidida por Maria José Ritta esposa de S. Ex.^a o Presidente da República e que contou também com a presença do Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional e outros representantes de instituições internacionais, regionais e locais.

A instalação do Centro foi possibilitada através da reconstrução de uma antiga escola primária, numa iniciativa e parceria entre várias entidades: ADERE MINHO – Associação para o Desenvolvimento Regional do Minho, Câmara Municipal de Vila Verde e Junta de Freguesia de Soutelo.

Com a criação desta estrutura pretende-se, acima de tudo, apoiar os artesãos locais nos seguintes domínios:

- Assistência técnica e informação de apoio à sua actividade (inovação, certificação, comercialização);
- Oferta de acções de formação para melhoria da sua qualificação profissional;
- Laboratório de experimentação especializado para o Artesanato do Minho (cerâmica, latoaria, madeira e tecidos);
- Apoio à constituição e acolhimento numa primeira fase de artesãos e pequenas empresas de artesanato, aos quais será disponibilizado apoio técnico e logístico de modo a facilitar a consolidação e continuidade dos seus projectos.

Esta infra-estrutura foi criada com os apoios do Programa NOW e das autarquias locais atrás referidas.

Paulo Jorge Pereira
ATAHCA

Flora endémica da Madeira

No passado dia 8 de Novembro, e na presença das mais proeminentes personalidades da Botânica Madeirense, foi apresentada, no Jardim Botânico, aquela que é já considerada a melhor obra do género alguma vez editada na Região Autónoma da Madeira.

Foram cinco anos de intensa investigação para permitir caracterizar e classificar as 143 plantas que constam no livro "Flora Endémica da Madeira", que alia um elevado rigor científico a uma excelente qualidade fotográfica.

Descobrir e fotografar estas plantas, algumas já dadas como extintas, apenas foi possível pela mobilização de muitos meios humanos e equipamentos e pela dedicação, carolice e teimosia dos seus autores.

Alguns destes exemplares, dada a sua caprichosa localização, exigiram, mesmo, que o fotógrafo fizesse *rappel* e outras técnicas radicais facilitadas pelos Bombeiros Voluntários Madeirenses.

Os custos elevados da produção foram outro entrave levantado a esta obra. Um impasse desbloqueado pela ADRAMA através do programa LEADER II.

A obra "Flora Endémica da Madeira" é uma publicação em quatro línguas (português, francês, inglês e alemão) e encontra-se disponível nas principais livrarias da Região Autónoma da Madeira e, brevemente, no site do projecto BIORED (em construção).

ADRAMA



foto: ADER-SOUSA

Jogos populares tradicionais portugueses

No âmbito da comemoração do Dia da Terra de Sousa, a Ader-Sousa promoveu, no passado dia 25 de Outubro, na Quinta do Pinheiro, em Freamunde, concelho de Paços de Ferreira, um dia dedicado aos jogos populares tradicionais portugueses.

Esta iniciativa decorreu ao longo do dia e contou com a participação de utentes de instituições de solidariedade social da zona de intervenção desta associação, proporcionando-lhes bons momentos de lazer, encontro com as tradições do país, vivências de jogos mais antigos e convívio entre a população da zona de intervenção.

Relativamente à actividade propriamente dita, ela foi constituída pelos seguintes jogos: do sapo, da caixota, do burro, da caveira, das malha, do assalto ao castelo, dos bitros, das varas, do aro, da chave, das cavalhadas, das andas, do ferro bacelar, da tracção à corda, das argolas e corrida de sacos.

ADER-SOUSA



foto: João Limão

Quinzena dos centros de recuperação infantil

Entre 7 e 18 de Novembro, decorreu a quinzena dedicada aos trabalhos artesanais dos Centros de Recuperação Infantil, na Loja do Ribatejo Norte, em Tomar.

Foram 15 dias diferentes para muitos jovens dos Centros de Recuperação Infantil de Torres Novas, Fátima, Ourém, Ferreira do Zêzere e Tomar.

Durante este tempo, eles puderam mostrar à população da Cidade de Tomar e a todos os visitantes, como se faz olaria, tapeçaria, arraiolos e, até, como se borda. Durante esta quinzena estiveram presentes na Loja do Ribatejo Norte jovens artesãos dos Centros de Recuperação Infantil, a trabalhar ao vivo. O que lhes permitiu também ter alguns momentos diferentes da monotonia dos seus dias.

Esta quinzena temática dedicada aos Centros de Recuperação Infantil foi mais uma iniciativa da ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte, que tem por objectivo promover o que de melhor se faz na sua área de intervenção.

A inauguração desta quinzena teve lugar no dia 7 de Novembro e, para além de contar com um bonito sol de Outono, contou, ainda, com a presença de muito público que quis ver o que estes jovens sabem fazer.

E eles sabem fazer muito!

Helena Santos



foto: ATAHCA

ATAHCA promove formação de Animadores de Desenvolvimento Local em meio rural

Entre 11 de Setembro e 3 de Novembro a ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas, do Homem, Cávado e Ave, promoveu com o apoio do LEADER II, a formação de 14 pessoas (Técnicos e Animadores Locais) que de algum modo e em áreas diversas estão, ou poderão estar no futuro, ligadas a actividades de desenvolvimento local no território desta Associação (Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vila Verde).

O curso, na modalidade pós-laboral e com a duração de 80 horas, constituiu-se como uma inovação nesta zona rural, pois em matéria de formação profissional nunca tinha sido abordada esta temática tão específica.

Com a organização desta acção pretendeu-se dar resposta a necessidades de formação locais que são reais de modo a atingir os seguintes objectivos:

- 1 – Promover a formação e qualificação de técnicos e animadores locais;
- 2 – Divulgar conhecimentos, práticas e instrumentos de dinamização do desenvolvimento local em meio rural;
- 3 – Contribuir para o desenvolvimento pessoal dos recursos humanos locais que intervêm nesta área específica de trabalho, beneficiando também a qualidade da intervenção das entidades às quais estão ligados;
- 4 – Criar condições de base para a difusão de um maior número de iniciativas locais, mais diversificado e de melhor qualidade;
- 5 – Promover a troca de experiências e o intercâmbio de ideias e práticas entre vários "actores" locais;

Durante o curso foram abordados temas diversos ligados a esta temática com destaque para: Desenvolvimento local em meio rural – conceitos e práticas; Como promover a diversificação e dinamização sócio-económica em meio rural; Contacto com iniciativas, projectos e promotores LEADER do Alto Cávado; O LEADER – gestão e funcionamento; Planeamento e desenvolvimento local; Animação e Comunicação no desenvolvimento local.

A metodologia de formação apostou na diversidade das apresentações, para isso recorreu-se a formadores locais (técnicos do GAL) e a formadores externos (técnicos de outras Associações LEADER, da Comissão Nacional de Gestão LEADER e da Célula de Animação).

A acção foi muito bem recebida pelos destinatários, existindo já mais potenciais candidatos para frequentarem o próximo curso a realizar no primeiro trimestre de 2001.

Paulo Jorge Pereira
ATAHCA



foto: Paula Matos dos Santos

Serões na Aldeia

Textos de Paula Matos dos Santos

"Serões na Aldeia" é uma iniciativa da DOLMEN, através da qual esta cooperativa LEADER pretende divulgar os valores do mundo rural. Uma aposta nas conversas informais procurando, simultaneamente, recuperar uma tradição antiga: os serões de aldeia.

A ideia é, no fundo, criar, em cada um dos serões, um espaço de debate à volta das problemáticas do mundo rural na perspectiva dos directamente implicados no processo e envolvendo quer os beneficiários do Programa LEADER quer os parceiros dos projectos.

Partindo deste pressuposto, a DOLMEN traçou um programa de 10 serões que embora subordinados ao mesmo tema - Desenvolvimento Rural - pudessem suscitar uma reflexão alargada sobre as políticas de desenvolvimento local.

Programados para acontecer ao longo de um ano - de Junho de 2000 a Junho de 2001 - e em lugares dos cinco concelhos que constituem a zona de intervenção da DOLMEN, estes serões pretendem também contribuir para a promoção e dinamização cultural da região do Douro/Tâmega.

Abordando temas tão diversos como "turismo rural", "cooperação", "artesanato", "gastronomia", entre outros, são convidados para o debate pessoas das mais diferentes formações e profissões. Outra preocupação que os responsáveis pela iniciativa têm tido é, sempre que possível, programá-los para um local com algum tipo de afinidade à temática do painel. Dependendo do local, o número de participantes pode variar mas nunca mais de 30, conforme faz questão de sublinhar o coordenador do GAL e presidente da Direcção da DOLMEN, Rolando Pimenta. "Não se pretende que as pessoas façam grandes comunicações mas que haja uma participação activa dos presentes e não existam constrangimentos".

Ainda na opinião de Rolando Pimenta, com as pessoas sentadas à mesa, junto a uma lareira e num ambiente profundamente rural criam-se todas as condições para que estas temáticas sejam abordadas com uma profundidade com que muitas vezes não é possível num grande seminário ou colóquio.

E foi isto que acabou por acontecer no serão dedicado ao artesanato, no passado dia 27 de Outubro, num lugar que dá pelo nome de Moinhos da Lomba, a dois quilómetros do centro de Amarante, mais exactamente na Adega Regional com

o mesmo nome. Um restaurante e um moinho, à beira do rio Ovelha, próximo da praia fluvial de Padronelo, um projecto apoiado pelo LEADER através da DOLMEN que é hoje o orgulho do seu proprietário. (VER CAIXA)

A poucos minutos do início deste terceiro serão promovido pela DOLMEN, Rolando Pimenta, confessou ao "Pessoas e Lugares" que já o começam a fazer com um certo à-vontade, pois "já há uma experiência acumulada". Quanto às expectativas, continuam a ser as mesmas e "dado o teor dos participantes, consideramos atingidas já à partida". Sobre o tema, "o que pretendemos é que, para além da inventariação dos problemas que existem no artesanato da região, se apontem já perspectivas de solução para acabar ou para minorar esses problemas com que se enfrenta o artesanato e sobretudo os artesãos".

Entre uma garfada e um trago de vinho os participantes lá foram dando seguimento à conversa. No papel de moderadores, o director do Centro de Emprego de Amarante, Sequeira Gonçalves; Nicolau Ribeiro, jornalista; na dupla qualidade de membro da direcção da DOLMEN e responsável pela Cooperativa dos Bordados da Lixa, Jorge Costa, e em representação da Célula de Animação LEADER II, e também com dupla função, esta jornalista do "Pessoas e Lugares".

do que se disse e do que ficou por dizer

Porque se ia falar do artesanato do Douro Tâmega, Nicolau Ribeiro, um dos convidados, aproveitou a oportunidade para dar a conhecer em primeiríssima mão "Artesãos e Artesanato do Douro Tâmega". Um livro a sair brevemente com o apoio do LEADER da DOLMEN, onde o autor, jornalista e investigador por conta própria, procura mostrar o artesanato da região. Em meia dúzia de palavras, Nicolau Ribeiro, traçou o quadro do artesanato local, e lançou alguns exemplos para análise: olaria em barro negro, cestaria, bordados. O prólogo estava feito.

Convidados a participar, alguns artesãos falaram das suas experiências, das dificuldades e

das vitórias já alcançadas. César, por exemplo, oleiro, não se coibiu nos agradecimentos e elogios. Na "Casa do Oleiro", uma casa perdida na Aboboreira, reconstruída pela Junta de Freguesia de Gondar, César que também beneficiou do apoio LEADER, dá forma a pedaços de barro negro. Fá-lo por gosto, não se cansa de dizer. A tal ponto que até já tem ido a escolas fazer demonstrações aos mais pequenos. César já participou em várias feiras em Espanha e em todas fez sucesso. Na região, podemos encontrar os trabalhos de César no Centro Comercial e Artesanal do Cavalinho - um núcleo de sete pequenas lojas - e um projecto da DOLMEN que ali criou um espaço próprio para apoiar a comercialização de todo o artesanato da região.

César é um exemplo de sucesso mas não é o único. O presidente da direcção da DOLMEN, Rolando Pimenta, "chama" outros para a discussão. O artesão das bengalas de Gestação, que ainda não há muito tempo trabalhava na construção civil, e hoje não tem mãos a medir para as encomendas; a mulher que faz bonecas de folhelho; a broa de milho da dona Emilia. Exemplos que demonstram que o artesanato vai bem? É rentável? Pois é... São os tais estrangulamentos que se sabe existirem. Apostar na comercialização, é o desafio que se coloca à maioria dos artesãos. A necessidade das pessoas do meio urbano, sobretudo das grandes cidades, ir "beber" às origens é cada vez mais visível. E isso é bom. É bom para os artesãos. Mas estas pessoas sabem exactamente o que querem e distinguem o bom do mau; têm poder de compra e por isso são exigentes.

Ir ao encontro desta procura pode ser um bom caminho, na opinião dos participantes do serão. É este o desafio: continuar a trabalhar de acordo com as técnicas tradicionais mas a partir de novas matrizes. O artesanato não se cria, continua-se", alguém disse.

E porque existem programas, apoios que permitem "adquirir" estas novas matrizes, quer através da formação, quer da reconversão das suas oficinas, o artesão pode ir por aí. Claro que existem problemas que teimam em persistir - do estatuto, ou da falta dele, do peso das obrigações fiscais, etc. - mas, como se costuma dizer, Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Moinhos da Lomba

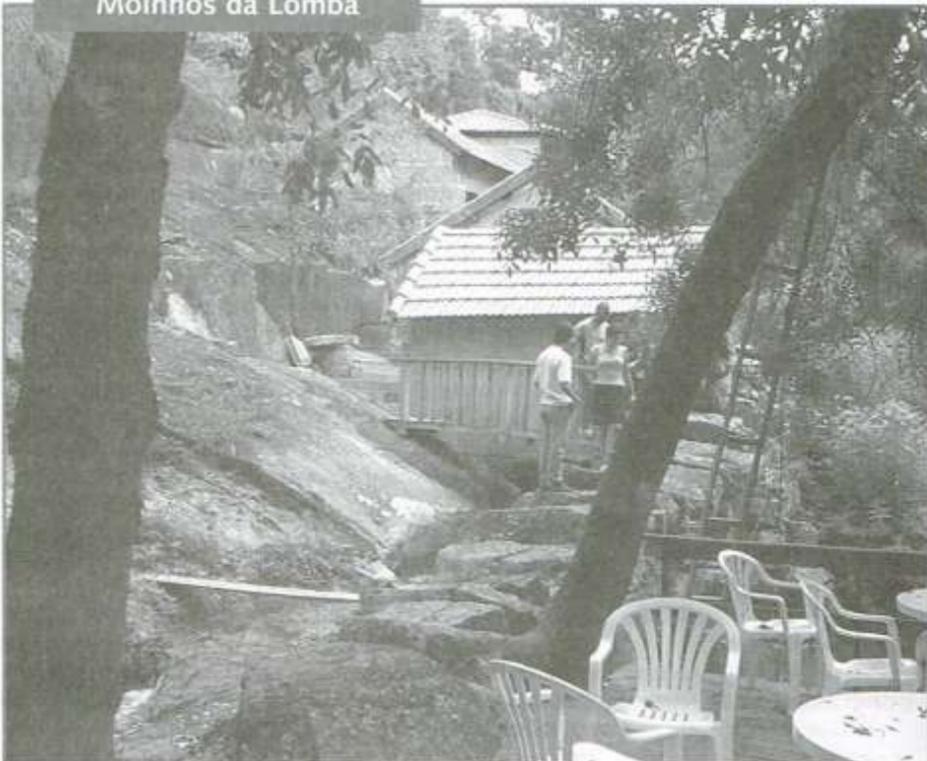


foto: DOLMEN

Não fosse um lugar "muito especial" e a ideia de reconstruir o moinho, que se encontrava em adiantado estado de degradação, nunca teria surgido na cabeça de António Júlio. E mesmo se outra razão de peso não existisse - o magnífico cenário, pintado de um verde bucólico, rasgado pelas águas calmas do Ovelha - "era" o moinho da mãe.

Foi a pensar na mãe que António Júlio confessa ter tido um dia a ideia de pegar naquilo. Reparou então que havia uma casa ao lado, também a precisar de uma intervenção urgente, é certo, mas quem sabe não poderia dar lugar a uma adega regional. O problema era como. Às interrogações António Júlio sobrepôs a razão e partiu em busca de ajuda. Porque a ideia já ele a tinha, só faltava mesmo um apoio financeiro. De porta em porta chegou à DOLMEN. Ali encontrou não só o que precisava como força e alento para avançar. E mesmo quando as obras ainda deixavam António Júlio inquieto e ansioso, havia sempre alguém que passava deixando um abraço, uma palavra de ânimo.

E enquanto a Adega não ficava pronta, António Júlio começou a receber crianças no "seu" moinho, explicando-lhes como funcionava, e qual o nome de todas as peças que compõem a engrenagem. Um exercício que o fez recuar no tempo - ao tempo em que ajudava os pais no moinho. Uma visita que António Júlio apreciava muito pois nas aquelas crianças encontrava também a força necessária para continuar.

Quando finalmente o grande dia chegou, em Junho (1999), e António Júlio abre as portas da sua "nova" casa, nem queria acreditar.

Hoje, a Adega Regional do António Júlio agrada a gente vinda de todo o lado. Da Lomba, das freguesias vizinhas mas um pouco de toda a parte. E de todos quantos vão, António Júlio regista uma palavra de "parabéns", um abraço de "felicidades". "É o melhor que eu tenho aqui, as pessoas", diz. Àquelas que vão para "simplesmente" degustar uma boa refeição e beber um trago de vinho juntam-se outras que, numa tentativa de preservar os costumes antigos, continuam a ir ao moinho para moer o grão. António Júlio conta que, não poucas vezes, chegam ali pessoas com um alqueire de milho e perguntam-lhe quanto é que ele leva, e que ele responde que não leva nada, que prefere que lhe paguem a maquia como antigamente se fazia. Claro que podem deixar o dinheiro, acrescenta, "mas eu prefiro esta troca. É mais bonito. Dá-me mais gozo".

"Serões na Aldeia" 2001

- Produtos locais: que política de certificação?, no Núcleo Museológico da Quinta de Tuíás - Marco de Canaveses, no dia 26 de Janeiro
- Baião: capital do avesso?, no O Casarão - Baião, no dia 24 de Fevereiro
- A imprensa regional e o Desenvolvimento Local, na Adega Cooperativa de Gatão - Amarante, no dia 30 de Março
- Património, Cultura e Recursos Humanos, na Fundação Eça de Queiroz - Tormes - Baião, no dia 27 de Abril
- A problemática do desenvolvimento Rural - reflexões e conclusões dos Encontros, na Quinta de Gatão - Penafiel, no dia 29 de Junho

<http://www.icn.pt>



O ICN - Instituto da Conservação da Natureza apresenta, na morada www.icn.pt, o seu sítio na Internet. Este instituto é responsável pelas actividades nacionais nos domínios da conservação da natureza e da gestão das áreas protegidas. Dentro deste âmbito o site reúne toda a informação disponível acerca desta actividade a nível nacional e internacional. Graficamente bem conseguido, proporciona uma consulta fácil e rápida, pois o acesso à informação "é favorecido por um conjunto de menus (símbolos na

parte superior, menus laterais e janela activa) que antecipam o que se vai encontrar nas páginas seguintes. Estas últimas têm a informação organizada num menu lateral que remete o pesquisador para o texto pretendido. Nestas destaca-se a página reservada ao "Envolvimento Internacional" onde se pode tomar conhecimento dos projectos de cooperação transfronteiriça, cooperação transnacional (PALOP) e programas relacionados com a conservação da natureza apoiados pela Comissão Europeia (Life III e Medwet). Em todas as páginas são apresentadas belas fotografias, relacionadas com a consulta feita, que só por si justificam uma visita ao site.

www.solares-de-portugal.com



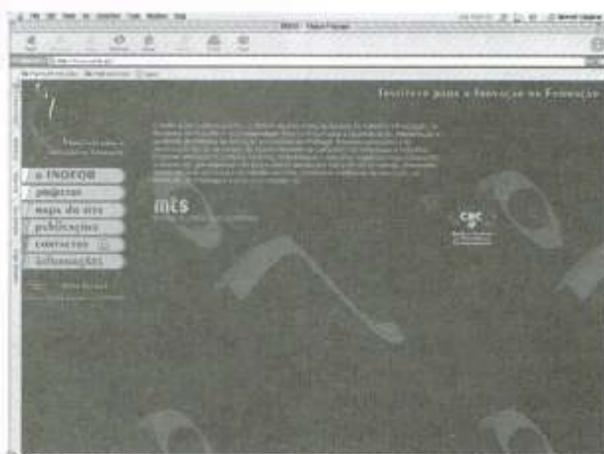
Com o objectivo de promover a imagem turística de Portugal, a TURIHAB - Associação do Turismo de Habitação criou o site com a morada www.solares-de-portugal.com que marca a sua presença na internet.

Na página de entrada é apresentado o símbolo da associação, que ao ser seleccionado permite o acesso às páginas de consulta que reúnem a informação detalhada acerca deste tipo de turismo. Já nestas páginas, após uma apresentação-convide onde se encontra um resumo dos principais atractivos

do turismo de habitação no nosso país, há uma lista lateral de itens de consulta que organiza toda a informação que este site disponibiliza. Pela escolha destes títulos podemos conhecer os diferentes tipos habitacionais (com fotografia), o nome dos proprietários, as condições de alojamento e um pequeno mapa local. Para quem quer fazer uma pesquisa a nível nacional, o item "Procura" permite procurar alojamento, por região, por categoria, ou ainda pelo cruzando destas. No item "Informações" são disponibilizadas outros dados importantes relacionadas com o alojamento.

A possibilidade de consulta em língua inglesa permite que este site cumpra os objectivos de divulgação do património nacional nos projectos de cooperação transnacional e redes europeias de ligadas ao turismo de habitação.

<http://www.inofor.pt/>



O Instituto para a Inovação na Formação - INOFOR, é um organismo público que contribui para a qualidade e estruturação da formação profissional no nosso país. Neste âmbito criou o sítio internet (www.inofor.pt) para melhor promover as boas práticas ligadas à formação, bem como facilitar o trabalho em rede pois este é um instrumento fundamental para a divulgação e introdução de novas metodologias e modelos que melhorem as práticas formativas.

O site encontra-se dividido em seis categorias agrupadas no título de consulta "Mapa do site". Destas destacam-se o item "Projectos" - com resumos detalhados dos diferentes projectos em curso -, e o item "Publicações" - que reúne as publicações do instituto tais como estudos, documentos de trabalho, guia de acreditação de entidades formadoras e um CD-Rom sobre a hotelaria em Portugal.

Nos links a outros sites destaca-se a ligação aos Centros de Recursos em Conhecimento, com o objectivo de dinamizar uma rede de 30 destes centros, apostando na construção de uma "sociedade do conhecimento". Esta servirá para apoiar as entidades formadoras e os profissionais da formação numa melhoria contínua da sua actividade.

No aniversário da ADIBER

Vivemos hoje em dia numa Sociedade onde os valores materiais se sobrepõem aos valores humanistas, esquecendo-se em muitos casos que as Pessoas deverão constituir sempre a base dessa mesma Sociedade, em princípios assentes na Solidariedade e em Parcerias Verdadeiras e Activas.

Vem isto a propósito da passagem de mais um aniversário da ADIBER – Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra, já que é um verdadeiro exemplo na nossa Região, de como a aposta na qualificação dos recursos humanos disponíveis na Beira Serra e a valorização da Riqueza Humana das nossas Gentes, sobretudo a preservação do seu SABER SER, podem constituir um importante meio para a criação de novos Empregos, sobretudo ao nível da nova Economia Social.

Este é um investimento que, pelo facto de não ser mensurável no imediato, ao contrário das obras, só é assumido por quem tem consciência da importância do "Edifício Humano" como o alicerce de todo o processo de desenvolvimento integrado e sustentável de uma Região do Interior, sendo necessário, sem dúvida alguma, uma grande dose de Coragem para o fazer.

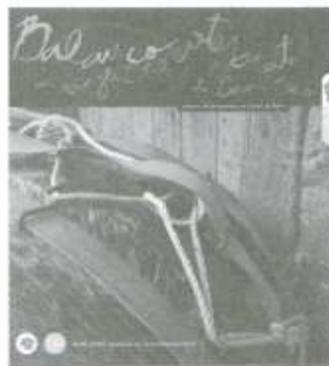
O trabalho desenvolvido ao longo destes últimos seis anos pela ADIBER tem sido decisivo para a fixação de um conjunto de Técnicos qualificados nestes Concelhos da Beira Serra, bem como de vários jovens que hoje têm a sua vida instalada na Região, não tendo tido necessidade de sair para os centros urbanos do litoral à procura de melhores condições de vida, contribuindo para a inversão do êxodo populacional e consequentemente para a diminuição dos efeitos da desertificação humana que caracteriza a Beira Serra.

Porque fui um dos que me fixei na Região graças à oportunidade que me foi concedida por parte da ADIBER, não poderei de forma alguma deixar passar claro esta data, sem exprimir um profundo RECONHECIMENTO pelo esforço e empenho colocados por todos os elementos da Direcção da Associação no desenvolvimento de projectos e iniciativas, destacando o papel que desde a sua criação tem sido desempenhado pelo seu Presidente, Dr. José Domingos de Ascensão Cabeças, pelos ensinamentos que nos tem transmitido e sobretudo pelo fazer acreditar que vale a pena viver na Beira Serra e que aqui poderemos cumprir aquele que deverá constituir o principal objectivo do Homem; Ser ele próprio cada vez mais.

Parabéns ADIBER.

Arganil, 25 de Outubro de 2000

Miguel Ventura



Balanço em viagem pelo Artesanato da Cova da Beira

Filipa Canhestro, Beira Serra - Associação de Desenvolvimento Rural, Boidobra, 2000

"Era um desses dias de chuva que já ninguém espera na Primavera, altura em que tudo parece voltar-se para o Sol...", assim começa este original Roteiro de artesanato da Cova da Beira, cujo guião é uma bela história da autoria de Filipa Canhestro. Ao longo de 35 páginas, desfilam perante nós os utensílios de lata, os trabalhos de santeiro, os tapetes passadeiras e carpetes de lã, os cestos em verga de castanho, as vassouras, capachos e assentos, os bombos, as peneiras, os embutidos de madeira, os trabalhos em papel de seda, as mantas de trapos, os linhos, a confecção, os barros, as lãs. Os trabalhos artesanais surgem no meio do conto, magnificamente ilustrados com as fotos e os desenhos de João Lourenço numa obra preciosa que para além de nos conduzir na descoberta do artesanato nos envolve no fascínio da cultura e das gentes da Cova da Beira.

"Lá dentro, ficava um mundo onde não havia lugar para olhos fechados..." é uma frase que descobrimos no texto e que traduz perfeitamente esta obra.

Sem o apoio do Programa LEADER mas sim com o do NOW. Mas de referência indispensável!

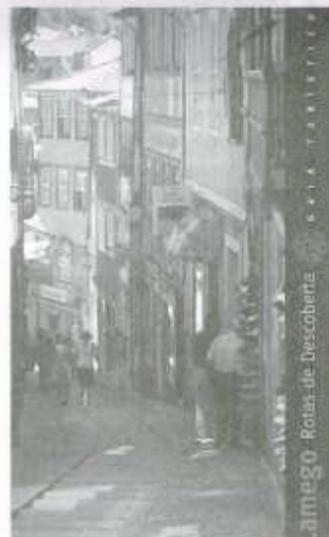


As pessoas e o território. Actas do Colóquio transnacional "Inserção Social e Desenvolvimento Local"

Rota do Guadiana - Associação de Desenvolvimento Integrado, Serpa, 2000

Com o objectivo de discutir os principais obstáculos à inserção social e profissional de grupos desfavorecidos, discutir metodologias e abordagens da inserção sócio-profissional, debater o impacto das estratégias e políticas sociais no desenvolvimento local, reflectir sobre os desafios que se colocam às regiões para fazer face ao problema do desemprego e da exclusão social e proporcionar uma troca de experiências, foi efectuado em Serpa, em Fevereiro de 1999 um Colóquio promovido no âmbito da Iniciativa Comunitária Emprego, Eixo Integra.

As apresentações e o conteúdo dos Grupos de Trabalho, bem como da Sessão de Encerramento foram publicadas nas respectivas Actas, constituindo um bom instrumento de trabalho para a reflexão necessária em torno deste importante tema do desenvolvimento local.



Lamego. Rotas da Descoberta.

GAE - Gabinete de Apoio Empresarial do Vale do Douro, Lamego, 1999

Com o apoio do Programa LEADER II / Beira Douro

Guia turístico sobre a zona de Lamego, incluindo Acessos, Transportes, Cidade, Património, Cultura, Espaços Verdes, Feiras e Romarias, Artesanato, Desporto e Lazer, Gastronomia, Restaurantes, Cafeteria, Comércio, Serviços, Onde ficar.

Um guia exaustivo para quem quiser descobrir o riquíssimo património de Lamego e do Vale do Douro.



Entre a Serra e o Rio... os trilhos ELOZ

Dueceira - Associação de Desenvolvimento da Ceira e Dueça, Lousã, 2000

Com o apoio do Programa LEADER II / Dueceira

"Nas terras de entre Lousã e Zêzere, o verde e o azul convidam à descoberta de uma região de gente boa e dinâmica, com tradições enraizadas e usos e costumes peculiares. Os trilhos da serra permitem um deambular sem espaço e sem tempo, ao encontro da nostalgia do nosso mundo rural, revelado em cada recanto e em cada instantâneo da vida local."

Organizado em capítulos - Primeiro olhar, Registos do passado, usos e costumes, natureza em verde, natureza em azul e utilidades, este roteiro propõe um conjunto de percursos ao longo dos concelhos de Vila Nova de Poiares, Miranda do Corvo, Lousã, Castanheira de Pêra, Pedrógão Grande e Figueiró dos Vinhos.

Os trilhos da serra estão igualmente disponíveis em www.dueceira.pt.

REALIZADAS

"SABOR TRANSMONTANO"

Museu da Ciência e Indústria, Porto
27 de Outubro a 30 de Novembro

O Centro de Estudos de Ciência Animal, o Museu de História Natural do Porto e a Quercus apresentaram a exposição fotográfica "Sabor Transmontano", da autoria de José Alves Teixeira.

A exposição constitui um alerta para os perigos que pairam sobre dois patrimónios de grande valor e diversidade. Um dos temas da exposição percorreram o património natural do rio Sabor – um dos últimos rios selvagens de Portugal. O outro tema ilustrou o rico património cultural de Trás-os-Montes – as tradições, seculares ofícios, práticas agrícolas, romarias e quotidianos de uma população que, contra inúmeras adversidades, teimou em permanecer na sua região de origem.

WORKSHOP DO VINHO

Ourém
23-24 de Novembro

A ProRegiões realizou o IV Workshop da Loja do Mundo Rural, que teve como tema: O Vinho.

Este workshop foi composto por diversas apresentações, seguidas de debate, e por algumas visitas a Quintas e Cooperativas.

ROTA INTERNACIONAL DOS POMBAIS

24 de Novembro

A Rota Internacional dos Pombais/Palomares, que percorre territórios de Palência, Valladolid, Zamora e Trás-os-Montes (Terra Fria), foi apresentada em Valladolid na feira de Turismo de Interior (INTUR). Esta acção foi resultado do Projecto de Cooperação Transnacional no âmbito do Programa Leader II, entre quatro GAL de Castela e Leão (Adri Palomares, Adata, Adeco Canal de Castilla, Adri Valladolid Norte) e um GAL de Portugal (CoraNE/Terra Fria).

1ª FEIRA DO MONTADO

Portel
29 de Novembro a 3 de Dezembro

Com organização da Associação Terras Dentro e da Câmara Municipal de Portel, este evento pretende promover o Montado, de forma a tornar-se o principal fórum regional sobre esta temática.

Para além de uma exposição, A Feira do Montado incluiu um colóquio, diversos debates temáticos, mostra gastronómica e de espécies autóctones, cinegética e diversos espectáculos de animação.

A REALIZAR

PAISAGEM ALENTEJANA, SUA FAUNA E FLORA

Até 20 de Maio 2001

Organizada pelo Centro de Estudos de Avifauna Ibérica, no âmbito da iniciativa comunitária LEADER, esta exposição pretende mostrar alguns dos retalhos que compõem a paisagem alentejana. A exposição irá passar por vários locais entre Setembro de 2000 e Maio de 2001. Próximas apresentações:

Lisboa - 18 de Dezembro a 3 de Janeiro, Casa do Alentejo | Évora - 8 a 26 de Janeiro, Universidade de Évora | Mourão - 29 de Janeiro a 9 de Fevereiro, Galeria de Exposições | Mora - 10 a 25 de Fevereiro, Galeria da Casa da Cultura | Vila Viçosa - 12 a 25 de Março, Cine-Teatro Florbela Espanca | Moura - 2 a 15 de Abril, CM Moura | Santiago do Cacém - 7 a 20 de Maio, CAP Alda Guerreiro VN Santo André

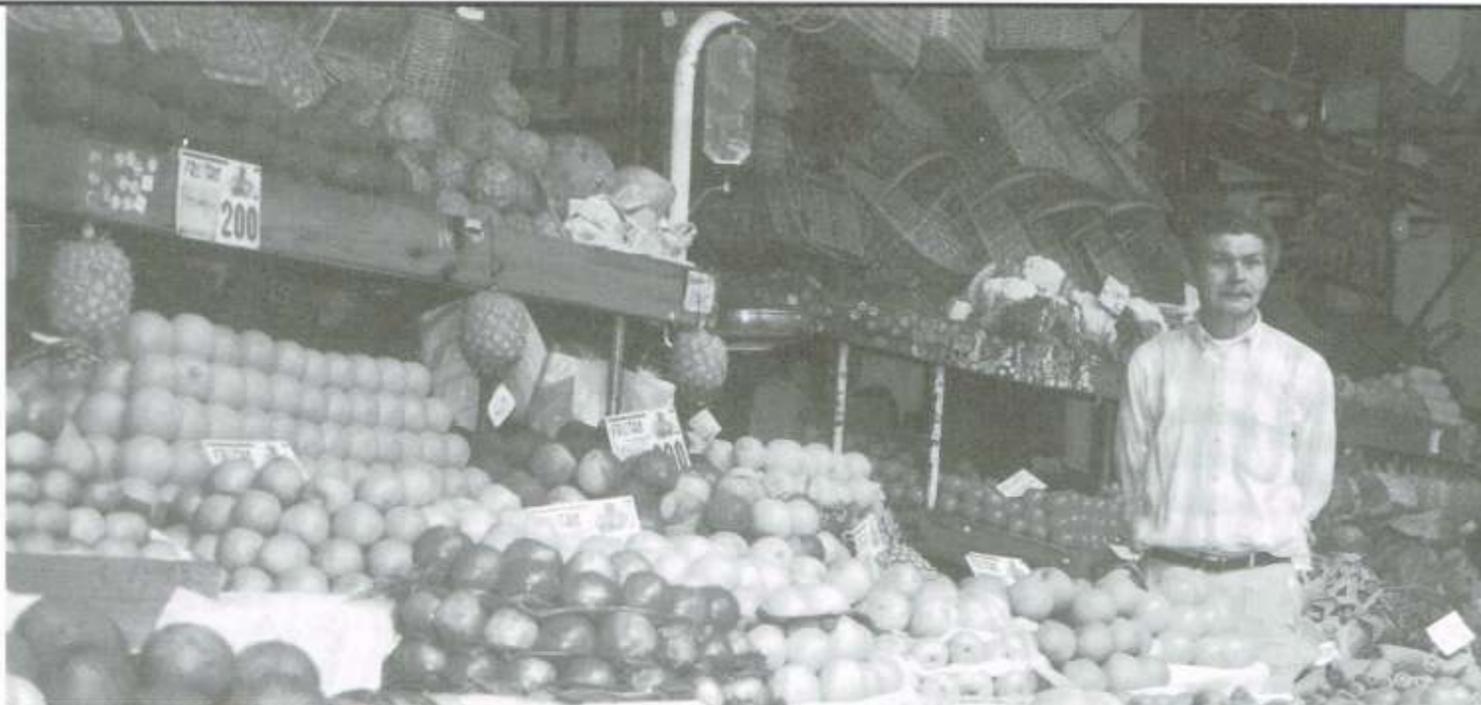


foto: Paula Matos dos Santos

MOSTRA DO MUNDO RURAL 2000

Lisboa
24 de Outubro a 23 de Dezembro

Organizada pela Direcção-Geral de Desenvolvimento Rural, está a decorrer a Mostra do Mundo Rural 2000, que conta com a participação de nove regiões que vão trazer os seus produtos, a sua gastronomia, os seus sabores e saberes.

A Mostra do Mundo Rural decorre nas instalações da Direcção geral do Desenvolvimento Rural, à Avenida dos Defensores de Chaves, nº 6, em Lisboa.

Beira Litoral - 24 a 29 de Outubro | Trás-os-Montes - 31 de Outubro a 5 de Novembro | Ribatejo e Oeste - 7 a 12 de Novembro | Madeira - 16 a 19 de Novembro | Açores - 16 a 19 de Novembro | Alentejo - 21 a 26 de Novembro | Beira Interior - 28 de Novembro a 3 de Dezembro | Algarve - 5 a 10 de Dezembro | Entre-Douro e Minho - 12 a 17 de Dezembro | Todas as Regiões - 19 a 23 de Dezembro | Exposição "A Lã e o Linho" - 19 a 23 de Dezembro

Contactos:
Direcção-Geral de Desenvolvimento Rural
Av. Defensores de Chaves, 6 - Lisboa
1049-063 Lisboa
Tel.: 21 318 43 00

CONGRESSO ISA 2000: AMBIENTE, TERRITÓRIO E AGRICULTURA - QUE MUDANÇAS PARA O SÉCULO XXI?

Anfiteatro da Lagoa Branca,
Tapada da Ajuda
4-6 de Dezembro

Este congresso pretende abordar as necessidades dos profissionais para as transformações que estão em curso e virão a acontecer no futuro próximo do mundo rural. Serão analisadas questões como a sensibilização ambiental, as novas funções da agricultura, as alterações tecnológicas, assim como serão debatidos os grandes problemas que se colocam à agricultura, às florestas e à sustentabilidade dos processos de desenvolvimento.

Contactos:
Cristina Mariz e Isabel Oliveira
Instituto Superior de Agronomia
Tapada da Ajuda
1349-017 Lisboa
Tel. 21 365 31 28
Fax. 21 363 50 31
crismariz@isa.utl.pt

SEMINÁRIO HORIZONTE 2006 - POLÍTICAS E PRÁTICAS DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Crato, Fronteira e Monforte
14, 15 e 16 de Dezembro

De carácter científico e técnico, este encontro reúne algumas das principais referências nacionais nas temáticas rurais e do desenvolvimento, decisores e especialistas em gestão territorial desde as áreas da geologia às da engenharia geográfica e à antropologia.

O encontro pretende servir de plataforma de reflexão sobre os desafios e oportunidades no quadro das políticas de desenvolvimento regional para o período de 2000 a 2006 e identificar as orientações fundamentais para a concretização do primeiro Instituto de Estudos e Desenvolvimento dos Espaços Rurais (IDER). Este Seminário é a primeira acção realizada no âmbito do convénio de colaboração entre a ADI-TC, a ADRAL, a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e a Universidade de Évora, através do seu departamento de Sociologia.

Contactos:
Secretariado até 13 de Dezembro - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL)
Instituto de Formação - Álvaro Cidrais e Carla Carvalho
Tel. 21 750 04 23 / 21 750 00 00
ext. 24309 ou 24343
Fax. 21 750 01 47
cmse@fc.ul.pt
alvaro.cidrais@cd.fc.ul.pt
www.fc.ul.pt/horizonte_2006

COLÓQUIO "O LOBO NA BEIRA ALTA - SOBREVIVÊNCIA OU EXTINÇÃO"

Guarda
15 de Dezembro

A Câmara Municipal da Guarda, através do programa Centro de Natureza, está a organizar um ciclo de colóquios temáticos dedicados à protecção do ambiente e à conservação da natureza nesta região beirã.

O primeiro destes colóquios tem como tema o Lobo, uma espécie que se debate, neste final de milénio, entre a sobrevivência e a extinção.

Contactos:
Eng.ª Sofia Pinto - Departamento de Ambiente da Câmara Municipal da Guarda
Tel. 271 220 220 / 271 222 346
Fax. 271 220 280
cm-guarda@domdigital.pt
sofia.pinto@teleweb.pt
centro.natureza@mail.telepac.pt

CONGRESSO IBÉRICO - FOGOS FLORESTAIS

Escola Superior Agrária de Castelo Branco
17-19 de Dezembro

Com o objectivo de alertar para a importância da floresta, este congresso possui diversos temas: "Problemática dos Incêndios Florestais", "Medidas Políticas de Prevenção de Incêndios", "Efeitos Ecológicos do Fogo", "Metodologias/Tecnologias de Prevenção", "Sivicultura Preventiva", "Fogo Controlado", "Combate a Incêndios", "Recuperação de Áreas Ardidas" e "Avaliação Económica".

Contactos:
Congresso Ibérico - Fogos Florestais
Escola Superior Agrária de Castelo Branco
Quinta Sr.ª de Mércules
6000 Castelo Branco
tel. 272 339 900 ext. 4221
fax. 272 339 901
fogosflorestais@esa.ipcb.pt

SERÕES NA ALDEIA

Marco de Canavezes
26 de Janeiro de 2001

Recuperando o valor tradicional da ceia, as discussões prolongam-se pela noite dentro, aquecidas pelo crepitar da lareira e pelos vapores da cálida doçura do sol do Douro/Tâmega.

Em curso desde Junho, recomeçarão em Janeiro, a 26, com um serão em que vão estar na mesa os Produtos Locais: Que política de certificação.

Contactos:
Dolmen
Tel. 255 521 004 / Fax. 255 521 678
dolmen@mail.telepac.pt

VIII JORNADAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL - ASPEA

Tavira
26-28 de Janeiro 2001

Com organização da ASPEA, estas jornadas têm como tema os Contributos da Pedagogia Urbana para um Futuro Sustentável. As Jornadas Pedagógicas vão ter espaços de reflexão e discussão em grupos de trabalho onde serão ouvidos especialistas na área da educação e do ambiente.

Contactos:
Secretariado - ASPEA AVEIRO: Prof. Joaquim Ramos Pinto / Prof.ª Maria da Luz Costa
Junta de Freguesia da Glória - Aveiro
Apartado 1078 - 3813 Aveiro Codex
Tel. 917 287 995
Fax. 234 371 139
Mop79743@mail.telepac.pt

Jara, Carlos Julio, "A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local – Desafios de um Processo em Construção", Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), Recife: Secretaria do Planejamento do Estado de Pernambuco-Seplan, 1998, pp. 102-105

A dimensão política do planeamento municipal sustentável: a procura de um método para tomada de decisões estratégicas

O planeamento do desenvolvimento local sustentável, como processo de mudança social, traduz um esforço de análise multidimensional, bem como de construção participativa de uma imagem do futuro, permitindo definir prioridades e orientando a tomada de decisões. O processo de planeamento possibilita, por meio do diagnóstico, dar conta dos processos mais importantes da realidade local, indo a fundo na busca de causalidades que nos permitam construir cenários e rumos alternativos. O planeamento, como instrumento, permite formular objectivos diferenciados, que "...nem sempre são convergentes, envolvendo relações complexas entre as dimensões económica, social, ambiental e política..."

O planeamento municipal do desenvolvimento sustentável obedece ao princípio da universalidade, o que significa que tem característica global não reduzida apenas aos aspectos económicos e ambientais; introduz uma visão mais integradora e totalizante. Somente quando reconhecermos que as várias dimensões da realidade apenas focalizam âmbitos particulares que atuam interligados dentro da totalidade, tecendo uma rede inseparável de relações, poderão surgir melhores resultados do processo de planeamento. Somente quando reconhecermos que as comunidades e os distritos, bem como os próprios espaços municipais, estão imersos e dependem tanto dos sistemas regionais quanto do contexto político-económico e que existe interacção permanente entre os processos socio-económicos, os político-institucionais e os ambientais, seremos capazes de pensar em sustentabilidade. Os problemas do desenvolvimento local não podem ser entendidos isoladamente; a fome, a exclusão social, o desemprego, a subalternidade, a falta de esperança das populações, a erosão dos solos, a falta de capacidades de gestão, a baixa produtividade da terra e do trabalho são problemas interdependentes.

Nesse sentido, o desenvolvimento municipal sustentável obriga a uma análise que interliga elementos sociais, ambientais, institucionais, políticos e produtivos. É preciso trabalhar a partir de uma visão integradora da realidade, elemento determinante do comportamento dos processos, por meio do qual todas as outras dinâmicas são impulsionadas. Essa articulação entre as dimensões "parciais" com a totalidade, seja municipal, microrregional ou regional, aparece mediada pela política e pela informação, ou seja, pela real abertura democrática, na forma de participação social.

Todo o planeamento revela dois aspectos fundamentais. O primeiro diz respeito ao objecto de trabalho, traduzindo o tipo de intervenção que se deseja fazer. O segundo refere-se ao processo de trabalho que procura identificar a forma como os vários actores sociais devem participar na sistematização de um conjunto de decisões que servem para orientar acções futuras.

O planeamento é indispensável em qualquer sistema de governo, no sentido em que possibilita racionalizar a gestão e fortalecer a autonomia. Como processo de trabalho, o planeamento do desenvolvimento municipal abre caminho para a ampliação das práticas democráticas, e é aberto à participação de todos e essencialmente orientado para a acção. Daí poder-se dizer que o planeamento expressa uma clara disposição política, pois por processo político entende-se acção consciente e inteligente de conservação ou mudança nos relacionamentos estruturais. A variável política no processo de planeamento, ou seja, o debate, o confronto, a articulação e as aproximações entre actores sociais,

é a forma de mediação entre as várias dimensões. Como todo processo dialéctico, as decisões só se cristalizam pela intervenção dessa mediação política, actuando como elemento articulador e como motor das transformações. Como assinala Otávio Ianni, "o planeamento é um processo que começa e termina no âmbito das relações e estruturas de poder".

Nos municípios, as comunidades representam as células sociais básicas para construção do tecido democrático, ou seja, o nível básico de organização dos cidadãos. Em nossa visão, quando o poder local é democrático, as comunidades podem influenciar nas decisões públicas e contribuir para a formulação e execução de políticas diferenciadas, ou seja, decisões capazes de assimilar as heterogeneidades e diferenças, respondendo da melhor maneira às demandas dos grupos de base.

Na procura de objectivos sustentáveis, por conseguinte, precisamos adoptar uma nova definição de planeamento que deixe explícita:

- a. a sua natureza transformadora;
- b. o seu carácter político-participativo dirigido ao fortalecimento, o que os americanos chamam *empowerment*;
- c. a sua visão sistémica não concentrada apenas nos aspectos económicos;
- d. a sua abordagem *pluridimensional e multidisciplinar*. Como assinala Ignacy Sachs: "Precisamos de um novo modelo de planeamento concebido como uma província da *praxiologia social* – e não como emanção do económico -, como um diálogo permanente entre os actores sociais interessados – e não como o exercício formal de técnicas de planeamento e de cálculos de optimização -, utilizando os indicadores sociais e as contas da natureza para descrever seus objectivos; normativo em seu procedimento e sempre preocupado em não sacrificar, em nome da eficácia e da elegância, a *multidimensionalidade do homem*."

Estamos falando, por conseguinte, de promover outro estilo de planeamento capaz de reordenar localmente as dinâmicas insustentáveis e as vulnerabilidades definidas pelo sistema capitalista globalizado, ou seja, de um mecanismo político capaz de organizar o processo de democratização e aprendizagem social, por intermédio do qual os actores sociais se preparam para o exercício da cidadania, para seleccionar alternativas e para tomar as decisões e acções que afectam seu destino. O conceito de *estilo de planeamento municipal* diz respeito às formas como se pensam e se organizam as actividades de desenvolvimento, se distribuem as responsabilidades, se ordenam os papéis institucionais, se definem objectivos com perspectiva de continuidade e se racionalizam as decisões.

O planeamento municipal do desenvolvimento sustentável exige não somente a criação de oportunidades para o envolvimento político, mas está fundamentado em normas de participação que permitam a identificação de prioridades e definição de programas e projectos locais. Assim, o planeamento sustentável deve ser prática que fortaleça a democracia, criando oportunidades para todos os actores sociais, de forma equitativa. É preciso dar oportunidade para que os actores sociais expressem o que querem resolver, os seus interesses, identificando alternativas de solução por ordem de prioridade, como e com que realizá-las. A nosso ver, o grande desafio do governo local, além de reforçar o tecido associativo das comunidades e ampliar as capacidades técnicas de análise e gestão, é delegar aos actores e movimentos sociais do município a oportunidade de serem sujeitos de seu próprio desenvolvimento, fazendo do planeamento um instrumento a serviço da qualidade de vida, equidade e bem-estar.

Nos municípios onde não existe a tradição organizativa incipiente, é difícil construir um novo estilo de planeamento participativo. Observam-se, nesses municípios, resultados operativos muito restritos na esfera da gestão administrativa local, configurados principalmente pelas resistências corporativas a práticas participativas por parte das comunidades. Organizar os desorganizados sempre constitui uma ameaça para os grupos dominantes. Um novo estilo de planeamento supõe uma nova cultura política, significando um processo de modificação de relações sociais, de valores, de mudança na sensibilidade dos actores, e uma reforma na consciência da cidadania.

1. Ignacy Sachs, *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*, São Paulo, Vértice, 1969

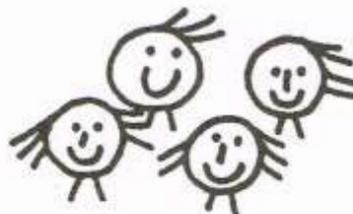
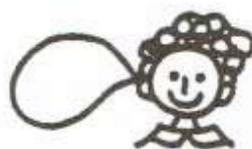


Ilustração GAF

Começaram a encontrar-se em 1989 no "Objectiva", um antigo grupo de teatro de Gouveia. Assim nasceu o GAF. Dizem que não sabem qual foi o dia. Que foi acontecendo ao longo das conversas. "Começámos por desafiar as diversas aldeias do concelho para organizarem uma festa. As escolas do 1º ciclo e pré-primárias foram a acendalha que levou a que 'as pessoas importantes dançaram com as pessoas sem importância, mas não se importaram com isso. Tão pouco se importaram os puros e inteligentes quando cantaram de braço dado com os estúpidos, os toxicod dependentes, os alcoólicos e as prostitutas, assim como também aconteceu que doutores e ignorantes, honestos e aldrabões partilharam uns com os outros os comes-e-bebes, a dança e as cantorias' ". No GAF desde o primeiro momento, desde 1989, José João Rodrigues, recorrendo à história d' "A cidade das pessoas carimbadas", de João Ferreira (in "Estórias de ânimo & acção", GAF), procura responder à pergunta mas confessa: "Foi há tempo que não sei se foi exactamente assim". Afinal, já se passaram 11 anos. Tantos quantos os que procuram animar o desenvolvimento das pessoas e comunidades do concelho de Gouveia.

E quando as pessoas não acreditam no futuro do lugar onde vivem, como diz José João, a "tarefa" torna-se mais difícil. "O discurso predominante é muito depreciativo em relação ao concelho, ocultando as possibilidades de desenvolvimento. Esta imagem do concelho leva a que as pessoas desinvisitam as suas vidas neste território. Os jovens perspectivam, desde muito cedo, o seu futuro noutras regiões, e os homens, sempre que podem emigram (hoje temporariamente). As mulheres, os idosos e as crianças, cada vez menos, vão ficando, entretendo-se por cá". Como dar a volta à situação?, pergunta. Com muita criatividade e inovação, responde.

E isso, no GAF, faz-se em grupo e em festa. Porque... "a festa acontece sempre que nos encontramos e sentimos que estamos a criar laços entre as pessoas que possibilitam a concretização dos nossos sonhos...".

O projecto Aprender em Festa, nome com que viria a ser baptizada a associação, é desenhado em Outubro/Novembro de 1989. Um desafio lançado às Escolas e Jardins de Infância para, "em conjunto, em cada localidade, fazerem uma festa em que os miúdos contribuíssem com alguma coisa que tivesse a ver com no seu currículo escolar, mas muito mais solto e livre e com uma componente lúdica. Os pais e a comunidade eram convidados e a contribuir com aspectos da sua vida e em que tivesse importância o património cultural local". A partir daí, o GAF - Grupo Aprender em Festa - nunca mais parou de ensinar em festa.

Ainda no ano lectivo de 1989-1990 começaram a desenhar o projecto da ludoteca itinerante - A Tenda das Tropelias - cuja história dá outra estória (de ânimo & acção). Mas só lá chegaram em 1993, quando perceberam que com as crianças, "é importante, não só promover o lúdico-pedagógico, mas também o lúdico pelo lúdico".

Chegaram e venceram. "Com duas educadoras destacadas do Ministério da Educação A Tenda das Tropelias lá vai diariamente percorrendo os caminhos do concelho ao encontro das crianças isoladas e de escolas que aceitaram o desafio de criarem espaços onde a criança possa brincar, porque gosta".

Entretanto, à medida que começaram a sentir a convergência dos vários objectivos específicos para o grande objectivo - animar, animar o desenvolvimento das pessoas e da comunidade -, o GAF escreve outras histórias na primeira pessoa. Um Clube da Natureza que acabou numa candidatura ao Integrar para a formação de jovens animadores locais para o desenvolvimento. Alguns destes jovens, ligados ao GAF, acabaram por ficar responsáveis pelo gabinete do projecto Escolher a Vida na sua freguesia. "E mesmo depois do projecto acabar, os grupos de jovens que se tinham juntado mantiveram-se, nalgumas freguesias, e continuam a trabalhar e a desenvolver as suas actividades localmente".

Mas não é só com os jovens que o GAF trabalha. Com "Sair do Beco", um projecto lançado em Setembro de 1996, o objectivo é a saúde e integração social, numa perspectiva de integração económica e social dos grupos sociais desfavorecidos e de apoio ao desenvolvimento social.

Neste momento, o GAF está envolvido num projecto de luta contra a pobreza - o "Gouveia Solidária". Com este projecto, financiado pela Comissão Nacional de Luta Contra a Pobreza, o GAF pretende "apoiar as pessoas pobres a encontrar caminhos que vão para além da sobrevivência e, também, a contribuir para que o concelho de Gouveia encontre e concretize projectos de desenvolvimento, para que as pessoas tenham mais possibilidades de realizarem as suas vidas neste território". José João explica que este projecto funciona em parceria com outras entidades, de várias áreas, e que se pretende "que cada parceiro reforce e desenvolva as suas actividades, atinja melhor as suas finalidades, cooperando com os demais parceiros, criando assim o espaço que chamamos 'Gouveia Solidária'. No entanto, muito mais há a fazer para que cada um não olhe só para o seu 'umbigo'".

Onde o GAF também pretende conseguir que isso aconteça e onde depositam uma grande expectativa é no RMG.

É assim, envolvendo autarquias, entidades públicas e privadas, associações e colectividades locais, formais e informais, pessoas... sobretudo com pessoas, que o GAF, em cada um dos "seus" projectos, e recorrendo aos Programas que é possível recorrer (INTEGRAR, PEETI, Escolas-Oficinas, etc. - à excepção do LEADER -) tem levantado as "suas" actividades.

Entre tantos os parceiros, José João destaca o Centro de Saúde de Gouveia e a Fundação Gulbenkian. "Uns vão-se, outros vão ficando, tanto pessoas como projectos. Hoje, somos cerca de 60 (associados)."

Terá sido, muito provavelmente, a necessidade de comunicar, de contribuir para que entidade comunique com as demais, e criar espaços de reflexão sobre eles próprios, pessoas e sobre o futuro do concelho de Gouveia, que levou o GAF a editar, irregularmente, um boletim - o GAF. Boletim que certamente também enviam para a comunicação social local, sobretudo para o "Notícias de Gouveia" e para a "Antena Livre de Gouveia"; um jornal e uma rádio que José João refere como os mais próximos do GAF.

Com mais um ano à porta é tempo de balanço. Um momento que os Gafianos não dispensam. "Todos os anos fazemos uma reunião, de um fim-de-semana, onde reflectimos sobre o que fizemos no ano anterior e sobretudo o que desejamos fazer para o próximo ano". Este ano, atarefados que andam com as candidaturas, esse momento ainda não aconteceu.

Só resta mesmo saber o que faz "correr" um dos Gafianos. Para José João, "o GAF é uma possibilidade de eu concretizar o meu modo de estar(ser) como militante da mudança social, por um mundo justo. Aqui, localmente, no GAF, experiencio com os outros, reflecto, penso, experimentamos, tentamos, falhamos, rimo-nos, zangamo-nos, etc. A vida passa por aqui. Por outro lado, entendo o GAF como fazendo parte de uma rede que no país é tecida também por outras associações, projectos, pessoas, acontecimentos. Destes bons encontros na rede tem surgido a reflexão, o confronto de ideias e experiências, o convívio que complementa, e acrescenta, ao que localmente vivemos".

Paula Matos dos Santos

ficha técnica

nome: Grupo Aprender em Festa | morada: Av. Pedro Botto Machado, 44 - 6290 Gouveia | telefone/fax: 238 491694 | e.mail: gouveia.gaf@clix.pt | equipa do GAF: Maria de Fátima Paixão Dias Veiga (presidente da Direcção), Ana Raquel Cunha, Carlos Manuel Bernardo, Cristina Boffa-Molinar, Cristina Maria Ribeiro, Ema Figueiredo Oliveira, José João Rodrigues, Maria da Luz Gonçalves, Maria Fernanda Barbosa, Rui Manuel Eufrazia.

Capão à Freamunde

a pensar na Consoada

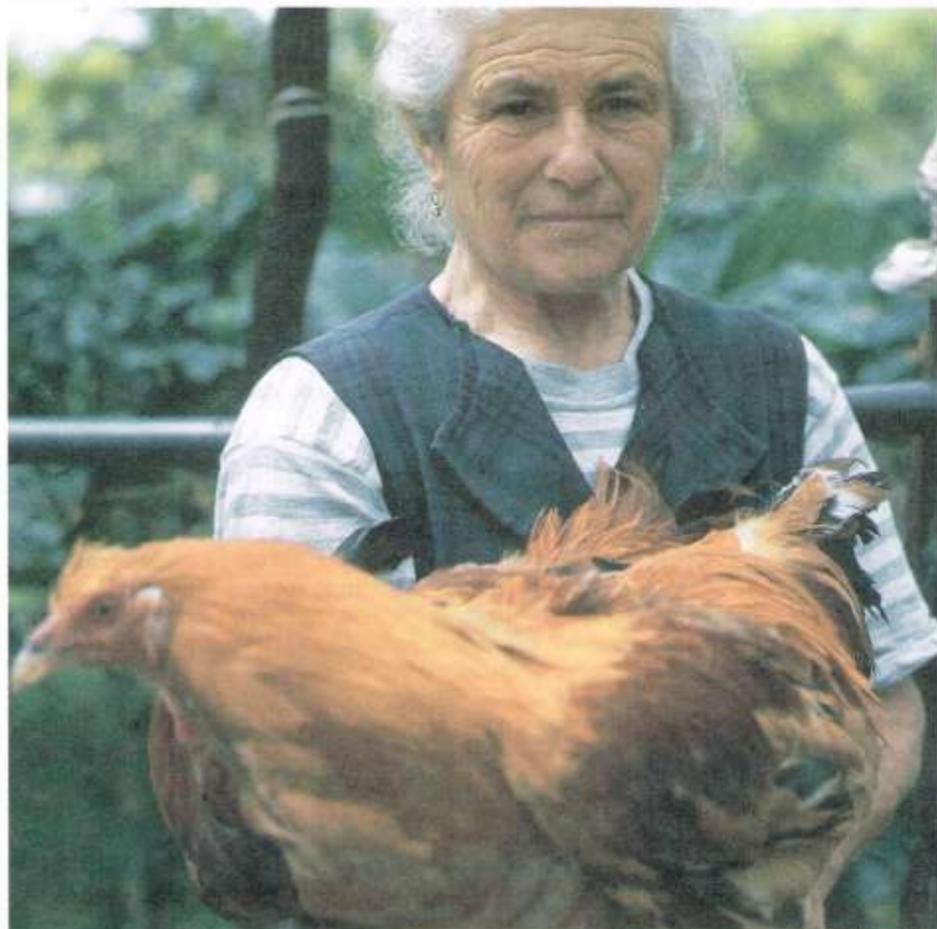


foto: ADER-SOUSA

Para preparar esta iguaria, usual nos banquetes reais de outros tempos e uma presença obrigatória na ceia das gentes do Entre-Douro e Minho, para além dos ingredientes mais ou menos normais na cozinha – sal, azeite, alho, louro, pimenta, noz moscada e limão, – é necessário um ... capão. Um capão, atenção, não confundir com rinchão!

Se não tiver nenhum à mão, o mais certo, já que se trata de uma espécie rara, o primeiro passo será, naturalmente, arranjar um. Para tal, basta dar um pulo à Feira de Freamunde que se realiza todos os 13 de Dezembro. O único lugar no país onde, se tiver a coragem de desembolsar (pelo menos) uma notinha de dez contos, poderá adquirir um.

Instituída oficialmente em 1719, por D. João V, os habitantes de Freamunde (freguesia do concelho de Paços de Ferreira) gostam de afirmar a longevidade e importância desta feira, que o rei marcou para os dias 13 de cada mês.

É uma feira de todos os géneros de coisas (como o próprio a classificou), mas a verdade é que a Feira de Freamunde ganhou fama e popularidade graças ao capão. A tal ponto que hoje é mais conhecida por Feira do Capão.

Guiados pela Santa Luzia, cuja romaria também acontece neste mesmo dia, todos os anos milhares de pessoas acorrem a Freamunde, muitas delas com um único objectivo: comprar o tal ingrediente tão especial e raro.

A oferta é variada pois os criadores de capão, quase sempre também vendedores, sabem que aquele é o melhor dia para o negócio. Só não vai quem já os vendeu todos nos dias ou semanas anteriores. "É que muita gente procura directamente o criador", explica Fernando Valente. Este ano, diz este criador, "tenho poucos e os poucos que tenho já estão ven-

didados". Só ainda não decidi se vai pôr algum no concurso – o concurso tradicional do mais belo capão. E aí não é só a beleza física que conta ... mas já lá vamos.

À conversa com três especialistas na matéria – dois criadores de capão (Fernando Valente e Palmira Gomes – esta última também na qualidade de presidente da Associação de Criadores de Capões) e o presidente da Junta de Freguesia de Freamunde, António Correia – ficámos a saber o que é, afinal, capão.

Capão é um galo, sim é um galo ... capado. A "operação", executada apenas por mãos sábias (de preferência com dedos compridos), acontece ainda o "bicho" não teve tempo de ser galo, isto é, com muito pouca idade, aos três ou quatro meses.

A partir daí, e se "a coisa" corre bem (porque, às vezes, morrem, "por causa da infecção", informa a dona Palmira), é vê-los crescer. Alimentados à base de milho e couves com farelo, ao cabo de sete ou oito meses, estão prontos, chegando a atingir oito quilos.

Sem crista, o "infeliz", junta-se às galinhas e em tudo se parece com elas, à excepção do aspecto. Os mais apreciados são os de cor vermelha. Aos amarelos e sarapintados é dado menos valor porque causa dos "falsos" capões – o rinchão – que costuma puxar mais estes tons.

nem galo, nem capão, fica "rinchão"

Para não ser enganado e levar rinchão por capão, nada melhor do que pedir ajuda a um elemento da Associação de Criadores que também tem a sua banca na Feira. Mas para já, aqui ficam algumas dicas: fisicamente pouco diferem por isso, pegue no animal e examine-o com cuidado; atente no tamanho e na cor da crista (a do rinchão tem tendên-

cia para crescer um pouco); a cor da pele também é diferente (não é tão amarela); e, para que não restem dúvidas, experimente e veja se ele canta. Diz-se também que a carne é mais vermelha e saborosa, mas isso só poderá verificar depois de morto, claro, e partindo do princípio que comprou capão!

Foi justamente para acabar com o rinchão e promover o verdadeiro capão é que surgiu a Associação de Criadores. Criada em 1995, por iniciativa da AJAF (Associação Juvenil ao Futuro), com o apoio LEADER da ADER-SOUSA (entre outros parceiros), a Associação de Criadores de capão tem por principais objectivos estimular a produção de capão e proteger a sua comercialização. Sensibilizando os criadores e envolvendo outros actores no processo, a Associação procura, a longo prazo, fazer do capão um produto certificado. Pois só assim se poderá controlar o preço e a autenticidade do mesmo. Nesse sentido, e em parceria com outras entidades locais, nomeadamente a Junta de Freguesia de Freamunde, tem vindo a dinamizar algumas acções como o concurso "melhor capão" (no dia da Feira) e o "concurso gastronómico" (no dia 12).

Para promover a confecção deste prato típico, cuja receita está guardada apenas na memória dos mais velhos, mas a que o "Pessoas e Lugares" teve acesso e aqui divulga, está também em adiantada fase de constituição uma confraria – a Confraria do Capão à Freamunde.

Só resta dizer, afinal, porque é que se castra o pobre animal... Não se sabe ao certo a origem do acto da "capadura" mas existem duas versões e ambas remontam ao tempo dos Romanos. Uma que, a fim de economizar nos cereais em grão foi publicada, em 162 a. C., uma lei que proibia o consumo de carne de galinha. Mas, os criadores, fazendo uso da capacidade de improvisação, descobriram que castrando os galos eles rapidamente duplicavam de peso. A outra que o Cônsul Caio Cânio, cansado da perda de sono por causa dos cantares dos galos, conseguiu uma lei impeditiva da existência dessas aves na cidade de Roma. Sem contrariar a lei, houve logo quem se lembrasse de uma forma de continuarem a usufruir dessa carne: capando os galos, eles deixavam de cantar. Terá surgido, assim, uma nova espécie: o capão.

Em Freamunde, há notícia da prática em documentos do século XV mas só a partir de 13 de Dezembro de 1719 – data da institucionalização da Feira do Capão – é dada como certa.

E porque, também se diz, a carne fica mais tenra e saborosa. Experimente e diga-nos se é verdade...

Antes de ser morto, dá-se-lhe um cálice de vinho do Porto. Depois de morto e limpo, fica 24 horas em água bem temperada de sal e limão. Depois tira-se da água e tempera-se com um molho feito com vinho branco, alho, sal, pimenta, colorau, noz moscada, louro e azeite. Esfrega-se muito bem o capão com este molho e assim fica mais 24 horas. Antes de ir ao forno, é recheado com um picado feito com os miúdos do próprio, presunto, salpicão, carne de vaca ou de outra qualidade, azeite, alho, cebola, etc. Cose-se, para não sair o picado, e três a quatro horas no forno está pronto. Acompanha-se com batatas assadas.

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Propriedade:
INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Administração e Redacção:
INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II
Rua Marquesa de Alorna, nº 34 – 2º Esq.
1700-304 LISBOA
Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623
Email. caleader@inde.pt
Site: http://caleader.inde.pt

Mensário

Director: Samuel Thirion

Editor: Camilo Mortágua

Chefe de Redacção:
Francisco Botelho

Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto É

Redacção: Maria do Rosário Aranha;
Paula Matos dos Santos

Colaboram neste número:
ACAPORAMA, ADELIAÇOR, ADER-SOUSA, ADRAMA, ADRIL, ARDE, ASDEPR, CORANE, GRATER, Helena Santos, Jean-Luc Janot, João Limão, Luís Alvarez, Luís Chaves, Miguel Ventura/ADIBER, Paulo Jorge Pereira/ATAHCA, ROTA DO GUADIANA, Samuel Esteves, TERRAS DENTRO.

Paginação e pré-impressão:
Isto é, comunicação visual, lda
Rua de Serralves, 693-697
Apartado 1503
4107-001 PORTO
Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79
e-mail: isto-e@esoterica.pt

Impressão: Tipografia Silvas, CRL
Rua D. Pedro V, 122 - 1º E
1250-094 LISBOA

Número de exemplares: 4.000

Depósito Legal nº 142 507/99

